

2015

PÚBLICO – POLICIÁRIO CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

**CLUBE DE DETECTIVES
DANIEL FALCÃO (ORG.)**

<http://clubededetectives.pt>

FICHA TÉCNICA

Título: PÚBLICO – POLICIÁRIO

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

Organização: Daniel Falcão

Data da edição: Dezembro de 2015

Editor: Clube de Detectives

E-MAIL: danielfalcão@clubededetectives.pt

URL: <http://clubededetectives.pt>

ÍNDICE

PROVA Nº 1	
PARTE I – Um morto no Ribatejo (Beirão)	7
PARTE II – Ao luar do Verão (Lobo Mau)	11
PROVA Nº 2	
PARTE I – Hoje há passarinhos... (A. Raposo & Lena)	17
PARTE II – Um namoro complicado (Povolez)	21
PROVA Nº 3	
PARTE I – Os quatro amigos (Flo & Tânia)	27
PARTE II – O “alemão” acelera (Prego a Fundo)	31
PROVA Nº 4	
PARTE I – Afinal ele nem estava lá... (Rip Kirby)	37
PARTE II – Mistério em noite de luar (Rip Kirby)	43
PROVA Nº 5	
PARTE I – Ingrediente secreto (Bernie Leceiro)	49
PARTE II – O último mergulho do submarino U-1277 (Bernie Leceiro)	53
PROVA Nº 6	
PARTE I – A milionésima segunda noite (Búfalos Associados)	59
PARTE II – Roubaram a Gioconda (Búfalos Associados)	65
PROVA Nº 7	
PARTE I – Crime no centro comercial (Paulo)	71
PARTE II – Identidade usurpada (Paulo)	75
PROVA Nº 8	
PARTE I – O cúmulo da velocidade (Verbatim)	81
PARTE II – Magia com camelos (Verbatim)	87

PROVA Nº 9	
PARTE I – As árvores das patacas (Ponto PT)	93
PARTE II – Chamava-se Totó... (Jogador Santos)	97
PROVA Nº 10	
PARTE I – O assassinato de mamã D. Floripes (M. Constantino)	103
PARTE II – A culpa é da maçã (M. Constantino)	109
CLASSIFICAÇÕES	
DECIFRAÇÃO	117
PRODUÇÃO	119
POLICIARISTA DO ANO E RANKING	121

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 1

PARTE I

UM MORTO NO RIBATEJO

Original de BEIRÃO

PARTE II

AO LUAR DO VERÃO...

Original de LOBO MAU

UM MORTO NO RIBATEJO

Original de BEIRÃO

O Sebastião apareceu morto.

Naquele local ermo e calmo, algures no interior do Ribatejo, em zona onde muitas vezes os nevoeiros têm o seu reinado, um nome como o dele prestava-se a brincadeiras a propósito da lenda que mostraria um Sebastião a aparecer numa manhã de nevoeiro...

Diziam-lhe os amigos para ter o cuidado de nunca aparecer quando os nevoeiros tapassem a planície, pois poderia acabar em rei... sem trono!

Sebastião não era rei de coisa nenhuma.

Filho de um modesto caseiro de uma propriedade abastada, teve a sorte de vir ao mundo com dois palmos de cara e assim conquistar a filha do senhor das terras, algo que não era, como é óbvio, muito bem recebido por este.

Daí que estivesse proibido de aparecer na parte da casa dos senhores, o que não impedia, ao que se dizia, alguns encontros furtivos.

Naquela manhã, Alarcão, proprietário e pai de Carolina, levantou-se cedo, cerca das 7 horas e como declarou mais tarde à polícia, não viu nada porque o nevoeiro ali é mesmo cerrado e também não ouviu nada estranho, nem os cães deram sinal, pelo que foi logo fazer aquilo que mais gostava, ou seja, tratar dos seus cães, mas muito rapidamente porque era ainda muito cedo e o vento gelado quase cortava a cara.

O casarão ficava na parte da frente do terreno, ainda a considerável distância da estrada e era vedado em todo o seu perímetro por muros altos. Na parte de trás do terreno, fora dos muros, estava a casa do caseiro, onde vivia Sebastião.

Todo o terreno estava isolado de outros, uma vez que havia pinhais em toda a volta, excepto na frente, onde passava a estrada. Do lado direito, havia um caminho que dava acesso à casa do caseiro, ao longo do muro compacto, de mais de 100 metros, apenas interrompido quase no seu extremo, por um portão que era usado por todos os que da casa do caseiro iam ou vinham para a casa do Alarcão.

Foi por volta das 8 horas que a mãe do moço deu com ele sem vida, quando o foi chamar para o pequeno-almoço.

Os pais de Sebastião não deram por nada, segundo declararam, o mesmo acontecendo com os moradores da casa de Alarcão. Os vizinhos mais próximos, do outro lado do pinhal, disseram que apenas ouviram os cães em grande algazarra, por volta das 7 e meia, como sempre faziam quando o seu dono regressava a casa depois de alguma ausência e o vento estava de feição.

O padeiro da aldeia, que circulava por ali, como sempre fazia por volta daquela hora, na faina de levar o pão de porta em porta, declarou que não deu nota de nada e que só viu, ao olhar da estrada, o senhor Alarcão a caminhar em direcção a sua casa, vindo dos lados da casa do caseiro, ainda não eram 8 horas.

A polícia interrogou-o durante algum tempo, sabia-se que o Sebastião namorara com a filha dele durante muito tempo e que chegaram a ter data marcada para casamento, mas a chegada da filha de Alarcão fez cair por terra todos os planos, mas o interrogatório não revelou muito mais.

A filha do padeiro, por seu lado, declarou não saber nada sobre o assunto, já que nessa madrugada e manhã estivera com a mãe a fazer o pão que o pai levava a casa das pessoas, o que se confirmou.

Alarcão manteve a sua história e mostrou-se muito ofendido por alguém alimentar sequer a suspeita de que ele seria capaz de fazer tal atrocidade ao moço, mesmo querendo, como ele queria, que ele largasse a sua filha, de vez.

O Inspector não precisou de muito tempo para descobrir que alguém não dizia toda a verdade nesta história e que apesar do Sebastião jamais poder surgir do nevoeiro, esse alguém também não o poderia fazer durante muito, muito tempo...

Caro detective: Elabore um relatório sem se esquecer que não basta dizer quem mente. É preciso justificar, apresentando as provas.

Policário nº 1174 – Público de 2 de Fevereiro de 2014

SOLUÇÃO

Numa primeira análise, é necessário ler muito bem o texto, situar a cena, tendo em linha de conta os diversos factores, nomeadamente:

– Espaço temporal e condições climatéricas: É de dia ou de noite? Está a chover ou faz sol? Está enevoadado, há nevoeiro? Há vento e de onde sopra? A que horas se passa a acção? etc.;

– Personagens e sua colocação na cena: Quantos intervenientes existem? Onde estão e o que fazem? Que intervenção têm na acção?

– Local e suas características: Onde se passa a acção? Em local de fácil acesso ou difícil? Há obstáculos a vencer em certas condições, por exemplo em caso de chuva, de neve, etc.

– Factores externos: Há animais que possam dar alarme? Há sistemas de segurança eléctricos ou electrónicos que apenas possam ser iludidos por quem os conheça?

– Testemunhas visuais, auditivas ou outras: Quem esteve no local que possa fornecer elementos? Quem estava suficientemente perto para ouvir sons que se possam relacionar com o que está na cena?

– Oportunidades: Quem teve oportunidade de praticar o acto, que encontros e desencontros teria de haver para correr bem a acção a cada um deles?

No nosso caso, temos um crime cometido em zona não fechada e portanto, à priori, sem dificuldades especiais de acesso.

Alarcão diz que estava nevoeiro cerrado; que o vento era gelado e quase cortava a cara; que foi tratar dos cães muito rapidamente; que não ouviu nem viu nada.

Os pais do jovem não deram por nada e encontraram o moço, por volta das 8 horas.

O padeiro afirma ter visto o Alarcão a regressar lá do fundo, ainda antes das 8 horas.

Os restantes moradores da casa de Alarcão não notaram nada.

Os vizinhos do outro lado do pinhal referem a algazarra dos cães depois das 7.30 horas, que só poderiam ouvir-se se o vento estivesse de feição.

A filha do padeiro está totalmente posta de lado.

Há evidentes contradições entre depoimentos, a saber:

Alarcão refere nevoeiro cerrado e o vento gelado. Vento e nevoeiro não combinam. Com vento, o nevoeiro não se forma ou, já existindo, dissipa-se rapidamente.

O padeiro afirma ter visto Alarcão a regressar de casa do caseiro para a sua. Com nevoeiro cerrado, isso não seria possível porque a distância era grande.

Os vizinhos declararam que os cães fizeram a algazarra própria de quando o seu dono regressava a

casa, mas só era audível quando o vento soprava... Portanto, afastada a hipótese de haver um conluio entre Alarcão e os seus vizinhos, por ilógica e não razoável, para que estes ouvissem os cães era necessário que houvesse vento, portanto sem nevoeiro (que mais ninguém refere); logo, ao encontro do depoimento do padeiro, que também confere com o regresso de Alarcão a casa e a algazarra dos cães, que o padeiro não refere por estar longe (a estrada era distante) e por soprar vento que levaria o som para o outro lado do pinhal, portanto, não na sua direcção. Os cães fizeram algazarra por detectarem que o seu dono estava por ali.

Ficamos, pois, com um forte candidato a culpado – o Alarcão. Em grande parte por mentir, mas também por ter a oportunidade, o tempo disponível e por a sua versão não encaixar nos depoimentos dos restantes intervenientes, cujas afirmações se complementam, sem erros.

Policário nº 1180 – Público de 16 de Março de 2014

AO LUAR DO VERÃO...

Original de LOBO MAU

O detective nem queria acreditar no que lhe acontecera. Na verdade nem parecia possível que, numa noite tal bela e quente como aquela, com um luar tão perfeito, com a lua a mostrar toda a sua plenitude, redonda e brilhante, um qualquer topo, certamente com algum problema, viesse ter com ele, daquela maneira, a gritar que tinha visto um lobisomem e outras coisas igualmente incríveis.

O detective olhou o homem com um misto de interesse e compaixão, logo se arrependendo deste último sentimento. Na verdade, o homem parecia estar convicto de que tudo acontecera como estava a contar...

“Mas é verdade, detective, foi hoje mesmo... Julga que sou algum lunático, não é verdade? Pois não sou... Hoje mesmo, dia 5 de Junho deste ano de 1993, com esta Lua Cheia que pode ver, que o lobisomem apareceu... Eu mesmo o vi!”

“Enganou-se, certamente... Deve ter imaginado”, retorquiu o detective.

“Não, não e não! Eu vi-o. Eram mais ou menos 21h30 e a escuridão invadia já os caminhos ermos por onde tenho de passar, para chegar a minha casa. Foi ali mesmo, naquele sítio, escuro como breu, como pode ver, só iluminado pela luz da Lua. Como pode ver, quando a lua se mostra, ainda se vê alguma coisa, mas quando as nuvens a tapam...”

“E o que é que aconteceu?”

“Ora, aquelas nuvens escuras encobriram a Lua e ficou tudo escuro. Foi então que me atacou... Só tive tempo de me esquivar, julgando que era algum cão, ou coisa assim, mas logo a seguiu a Lua descobriu a sua face redonda e pude ver claramente que era um homem com o corpo coberto de pelos, com feições de lobo, horrível... Desatei a fugir e tive a sorte de estarem a chegar outras pessoas, que espantaram o animal, ou homem, ou lá o que ele é...”

“Mas ele chegou a fazer-lhe algum mal?”, insistiu o detective.

“Não, tive muita sorte!”, respondeu o homem.

Nenhum dos indivíduos que ele apresentou como tendo chegado a tempo de o safar viu fosse o que fosse e tudo o que sabiam era pelo que o “nosso” homem contara.

O detective sabia que não podia ser um lobisomem o que ele vira, mas queria aprofundar se o

homem estaria a mentir ou se estaria de boa-fé, enganado por um qualquer fenómeno...

E pensou...

Poder-se-iam pôr as seguintes hipóteses:

A – O homem mentiu premeditadamente, inventando uma história que nunca poderia ter-se passado como ele conta.

B – O homem mentiu sem querer, confundido por ter visto alguma coisa que alguém, para lhe meter medo, forjou.

C – O homem não mentiu, antes viu e sentiu tudo como indicou, embora não fosse, como é óbvio, um lobisomem.

D – O homem não mentiu e nada impede que não haja mesmo lobisomens e que tudo seja, rigorosamente, como descreveu.

Policário nº 1175 – Público de 9 de Fevereiro de 2014

SOLUÇÃO

Hipótese A.

Naturalmente que há premeditação, uma vez que a história é muito mal contada, porque, às 21h30, nunca poderia existir uma escuridão total, como afirma o homem, já que a cena passa-se no dia 5 de Junho de 1993, muito perto do maior dia do ano.

A resposta a este enigma estava de certo modo facilitada, porque por exclusão, também era possível chegar à hipótese em causa, já que nenhuma das outras era viável.

Policário nº 1180 – Público de 16 de Março de 2013

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 2

PARTE I

HOJE HÁ PASSARINHOS...

Original de A. RAPOSO & LENA

PARTE II

UM NAMORO COMPLICADO

Original de POVOLEZ

HOJE HÁ PASSARINHOS...

Original de A. RAPOSO & LENA

Estamos nos anos 60, na cidade de Lisboa, mais propriamente nos arredores do conhecido bairro da Picheleira.

Como peça fundamental de convivência citadina, existe a Cova Funda, uma taberna à maneira, onde se joga à sueca, se consomem passarinhos fritos, jaquinzinhos e umas iscas com elas. O vinho, em barril, vem diretamente do produtor, o bom carrascão, do Cartaxo.

Na cozinha temos a menina Fatucha, filha do Taberneiro Elias – homem da serra da Estrela que aterrou na cidade grande e se estabeleceu, faz um tempão.

Fatucha é o elo de ligação entre a rapaziada que vai ou voltou da guerra colonial.

A moçoila era cheinha de carnes, faces rosadas, fartos seios e trato fácil.

A rapaziada, a rebentar de hormonas, gostava do clima e frequentava a casa.

Naquele dia, lá estavam eles: o Pinguinhas, o Peida Gadocha, o Malacueco, o Marreco, o Pingarelho e o Olho Vivo.

Andavam todos a azucrinar a Fatucha e segundo constava a moça não permitia avanços.

Tempicos, nessa altura, morava por perto, e fazia parte do grupo. Ao passar à porta da Cova Funda chegava-lhe os cheiros das iscas cruzado com o perfume barato da Fatucha e, não resistia, sempre lhe ficou o gosto dos petiscos e de molhar o pãozinho em prato alheio.

Ficou fã dos passarinhos fritos, um amor de toda a vida, tal como o seu Benfica.

A cozinheira (Fatucha) raramente mudava o óleo da frigideira e os jaquinzinhos perdiam a piada.

Lá estavam todos. No bairro eram conhecidos como “os seis da vida airada”. Quatro numa mesa no meio da tasca a jogar à sueca e um ao balcão a fazer companhia a Tempicos a trincar passarinhos fritos. O resto era a paisagem das pipas, por detrás do balcão, cujas torneiras ao abrir chiavam como se chorassem o carrascão a sair, era a zona da estrita responsabilidade de Elias.

Pelo meio das pipas um estreito corredor levava à cozinha e aos lavabos.

Em fundo uma ladainha vinha do televisor, apesar de a preto e branco mas já com o locutor a fazer o relato da bola, aos berros mas que ninguém ligava, pois o Benfica não jogava naquele dia.

A Fatucha andava num vaivém, a bandear as grossas coxas, e a levar pratinhos com jaquinzinhos

enfiados em palitos e um ou outro apalpão às escondidas e que ela invariavelmente respondia com um “teja quieto!”.

A jogatina a certa altura parou para balanço dos resultados e foi aproveitado por um jogador para pôr a bexiga em ordem. A natureza inexorável.

Quando o anafado Zé regressava para a continuação da jogatina, aproxima-se da mesa do jogo e caiu na cadeira a queixar-se das costas. De facto, alguém, no entretanto dera-lhe uma bela facada nos rins. O seu parceiro de jogo ficou boquiaberto.

Tempicos, de costas para a cena, a trincar os passarinhos, empurrados por uns copos de três, não deu por nada. Nem o companheiro Quim – ambos a petiscar ao balcão - avançado centro do Penha-de-França que sofria de acentuada escoliose mas era o melhor marcador de golos de cabeça da equipa. Elias arrepanhou os poucos cabelos.

Tempicos naquela época andava a fazer o tirocínio para Inspetor da PJ e avocou o caso, já naquele tempo lhe atribuíam um olhar perspicaz.

Diziam-lhe as células cinzentas que a moça tinha um rapaz debaixo de olho e aos outros não passava “cartolina” e isso criava um ambiente de competição e ciúme no grupo. Começou a tomar as suas notas num caderninho de capa preta:

“– O espertalhão do Manel estava a fazer as contas do jogo e não viu nada. Aliás, tinha ganho a última vasa, mais o seu infortunado parceiro anafado:

- O pelintra do Tozé estava a ver o jogo de futebol na tv e... nada enxergou.
- O Zé só se queixava e queria ir para o hospital.
- O tacanho do Tó estava a olhar a rua e nada viu.
- O Elias estava a encher copos e não se apercebeu de nada.”

Tempicos, à socapa, revistou por todo o lado e conseguiu descobrir, escondido num bolso do avental da Fatucha, um papel com o seguinte texto:

“Espero-te às nove na esquina da mercearia.” – Pingarelho.

...

Passaram-se quase 50 anos e Tempicos voltou ao caderninho preto entretanto guardado. Recordou o caso e redesenhou a cena e os intérpretes e a pergunta mantinha-se:

- Quem tem mais hipóteses de ter esfaqueado o Peida Gadocha?

Desenhe a cena do crime e ponha em todos os actores os nomes e respectivas alcunhas.

Policário nº 1178 – Público de 2 de Março de 2014

SOLUÇÃO

Neste caso há que definir a geografia da cena e começar a dar o nome aos intérpretes, depois cavalgar-lhes as alcunhas, ler os dados e retirar conclusões.

Sabemos pela narração da história que há 6 actores e mais 2 que são os donos da tasca, a saber Elias e Fatucha.

Ao balcão e de costas para a mesa onde se joga a sueca, Tempicos e o Quim, este por alcunha “o marreco”, devido à escoliose, trincam passarinhos.

Tempicos – que estudava para inspector da Judiciária era também conhecido por “olho vivo”, devido ao seu “olhar perspicaz”, como o texto menciona.

Na jogatina estão os restantes quatro. Sabemos que o Zé (o anafado) foi a vítima da facada e é o “peida-gadocha”.

O Tó estava a ver a rua – portanto estaria de costas para o balcão e era o “tacanho” que corresponde ao sinónimo de Pinguinhas.

O Manel é o parceiro do Zé. Os outros dois serão o Tozé e o Tó.

O Tozé estará de costas para a rua.

À direita do Tó podem ficar os parceiros Zé ou Manel, para o caso é indiferente.

Elias tem a sua zona de acção entre o balcão a as pipas. Fatucha anda num “vai-vem” entre a cozinha onde frita os petiscos e os fregueses.

Quando o Zé vai aos lavabos, atravessa o estreito corredor entre pipas e fica fora do alcance visual dos actores, excepto da Fatucha, se ela se encontrar na cozinha, pois os dois locais ficam por perto.

Fatucha gostava e tinha encontro marcado com o Pelintra. O bilhete que Tempicos descobre no seu avental assim o parece indiciar e ela não o destruiu.

Supomos que o Zé deve ter desviado a sua rota ao sair dos lavabos e deve ter entrado na cozinha promovendo algum episódio para além do normal para a época. A faca afiada de cortar as iscas estava ali à beira e foi usada como forma de retribuição pelos afectos. O que ele fez à Fatucha ninguém sabe mas ela não gostou. O Zé “comeu” e não tugiou nem mugiu pois o pai da rapariga estava por ali perto ao balcão e se se queixasse as coisas só podiam piorar para ele.

Nenhum outro personagem poderia ter dado a facada e ele dado a si próprio era humanamente inviável.

Se consultar o Dicionário da Porto Editora (5ª edição) encontrará como sinónimos de Malacueco, espertalhão, de Pinguinhas, tacanho e de Pingarelho pelintra.

Com essa informação e a recolha de dados no problema facilmente pode alinhar todos os nomes e alcunhas dos seis da vida airada:

Tempicos – Olho vivo – Olhar perspicaz;

Tó – Pinguinhas – Tacanho;

Zé – Peida-Gadocha – Anafado;

Manel – Malacueco – Espertalhão;

Quim – Marreco – Escoliose;

Tózé – Pingarelho – Pelintra.

Tempicos, apesar de, na época, iniciado de detective, resolveu este caso do tempo em que havia o aroma das iscas, com elas, pelas tascas de Lisboa.

Hoje, com a crise, nem iscas, nem elas... nem tascas.

Poliçário nº 1185 – Público de 20 de Abril de 2014

UM NAMORO COMPLICADO

Original de POVOLEZ

O João chegou à escola naquela segunda-feira, em grande alvoroço. Não conseguia entender o motivo que levava um dos seus amigos a fazer-lhe aquela desfeita!

Em poucas palavras, conta-se a história: o João andava apaixonado pela Teresa, mas a sua timidez impedia-o de fazer uma abordagem directa, até que, depois de muito andar às voltas, acabou por se apetrechar com a dose indispensável de coragem e esperou por ela à porta da sua casa, logo pela manhã, à hora de ir para as aulas e acabou pedindo-lhe namoro. Qual não foi o seu espanto ao ouvir da boca dela que já sabia, porque um dos amigos do João a tinha alertado, na véspera, no café, dizendo-lhe que ele era muito tímido mas que gostava dela.

O João convocou os seus amigos. Estava determinado em saber qual deles se tinha metido onde não era chamado:

– Senti-me muito envergonhado pela figura que um de vocês me obrigou a fazer perante a Teresa e quero saber qual de vocês provocou isto tudo. Portanto, Carlos, Tó, Zeca e Nico, toca a dizer o que fizeram ontem...

E ouviu um de cada vez e em privado.

O Carlos justificou-se, dizendo que estivera a estudar na véspera e não tivera tempo para mais nada. Os exames estavam à porta e ele tinha andado a cabular uma grande parte do ano e não podia continuar assim, ou acabava com um valente chumbo! Nem sequer saíra de casa e muito menos fora ao café.

O Tó foi dizendo que não sabia de nada do que se passara, aproveitara a véspera para ir até à praia porque tinha sido o primeiro dia do ano capaz de se fazer praia e bronzear um bocado. As ondas estavam boas e deu mesmo alguns mergulhos, passando lá todo o dia. Não esteve com a Teresa, nem a viu sequer.

O Zeca disse que andou por aí, que até estava no café e viu a Teresa entrar, com umas amigas, mas não lhe falou sequer. Depois foi à casa de banho e quando regressou ia a Teresa a sair e ele ainda lá ficou. Pensou ir até à praia, mas acabou por se ficar pelo café, foi ao cinema ver uma comédia, onde encontrou o Nico e depois foram para casa dele jogar no computador.

O Nico revelou que tivera um dia muito aborrecido, sem nada para fazer. Só à tardinha é que

encontrou o Zeca no cinema e foram jogar para sua casa. Não viu a Teresa durante todo o dia.

O João juntou os amigos e olhou cada um deles nos olhos. Notou que o Carlos estava divertidíssimo, fazendo das tripas coração para não desatar às gargalhadas; que o Tó estava pálido, quase a desmaiar, se calhar com as mentiras que disse; que o Zeca sorria e ia dizendo que não tinha nada com a coisa; que o Nico brincava com umas chaves e sorria de gozo.

Foi então que o João disse, alto e bom som:

– A Teresa aceitou! Vamos beber um copo!

E todos mandaram vivas e foram alegremente comemorar...

Mas quem terá avisado a Teresa? O João já sabia, ou não?

A – Foi o Zeca;

B – Foi o Tó;

C – Foi o Carlos;

D – Foi o Nico.

Policário nº 1179 – Público de 9 de Março de 2014

SOLUÇÃO

Resposta: A) – Carlos.

Este problema revela uma situação que aparece muito no Policiário e que se resume à confusão entre aquele que mente e aquele que é o culpado de um crime ou responsável pelos factos.

Nem sempre o que parece óbvio o é!

Um dos conceitos que temos de apreender é mesmo o de que um mentiroso não é, obrigatoriamente, um criminoso, ou um culpado de tudo.

Neste caso, temos um mentiroso que nos diz que passou um dia inteiro na praia, feliz e contente, e depois revela uma palidez doentia. Conclusão óbvia e natural: o rapaz mentiu descaradamente e pode ter estado em todo o lado, excepto ao sol um dia inteiro, ainda para mais pela primeira vez no ano, o que o transformaria, certamente, num sócia de uma lagosta, falando de coloração, claro.

Mas esse facto não o torna mais suspeito de ter dado “à língua” e denunciado a situação à moça. Só o torna mais mentiroso.

Quem se denuncia claramente é Carlos, ao referir que nem sequer fora nesse domingo ao café, sem que o amigo ou alguém mais lhe tivesse dito que fora aí que a inconfidência foi cometida. Pura e simplesmente não podia saber o que não viu e o que ninguém lhe contou, como ele próprio refere.

Portanto, resposta certa: Carlos!

Policiário nº 1185 – Público de 20 de Abril de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 3

PARTE I

OS QUATRO AMIGOS

Original de FLO & TÂNIA

PARTE II

O “ALEMÃO” ACELERA

Original de PREGO A FUNDO

OS QUATRO AMIGOS

Original de FLO & TÂNIA

Esta é a História de quatro jovens, oriundos de vários pontos do país, que se juntaram em Coimbra, com a finalidade, de entrarem para a Universidade e por motivos que vamos saber e outros, que nos passaram ao lado, acabaram por pedir auxílio à dupla maravilhosa, Flo & Tânia.

O Rúben, filho de uma família modesta, de uma aldeia para os lados de Bragança, ia ter direito a uma festa porque completara o 12º ano. O pai trabalhava em Bragança para duas solteironas que tinham vindo de Coimbra tomar conta dos bens que os pais lhes tinham deixado e foram estas senhoras, que além da festa, iam fazer uma proposta ao Rúben. No dia anunciado, após o “comes e bebes”, veio a declaração prometida. Foi com emoção que a D. Laurinda proferiu as seguintes palavras: Se o Rúben continuar os estudos em Coimbra, tem lá uma casa como se fosse dele. E o Rúben rumou a Coimbra.

A casa era enorme, rés-do-chão e primeiro andar, em baixo dois quartos, sala de visitas, sala de jantar e de convívio, cozinha e casa de banho. Uma escada interior ligava os dois andares que eram praticamente iguais, nas traseiras da casa um pequeno laranjal e uma casa de arrumos.

A cem metros de distância, ficava a "Leitaria O Pirata" ponto de encontro dos estudantes que chegavam e os que já cá andavam, as amigas fizeram-se rapidamente e dois dias depois já tinha companheiros em casa, o Luís Serôdio, já no segundo ano de medicina, o Francisco Salgado, matriculado em Direito e o Hélder Cunha queria seguir enfermagem. Na primeira conversa que tiveram para a atribuição dos quartos e como ia ser o funcionamento da casa, chegaram à conclusão que a prioridade era arranjar uma empregada urgentemente para tratar da casa, e na medida do possível todos ajudariam. A casa estava mobilada, apenas alguns ajustamentos seriam precisos nos quartos, ao gosto de cada um. Ficou também assente a mensalidade do aluguer e o Rúben foi o escolhido para gestor das contas. Assim que o escolheram lembrou-se da avó que sempre dizia: “uma caixa de papelão é o melhor cofre”. Seguiu sempre esse conselho.

Serôdio e Hélder ficavam no piso de baixo, Rúben e Salgado no piso superior.

Quando era possível, juntavam-se todos, jogava-se uma Kingalhada ou Poker, cinquenta por cento da receita das fichas, ficava para a casa - tinham investido num frigorífico, num aspirador e em pequenas

coisas que iam surgindo.

Todos os meses um depósito chorudo aparecia na conta do Salgado, segundo o que ele nos contou, andava a ajudar a gastar a fortuna da família. Ainda abordou o tema BPN na origem dos biliões do papá, mas como estava bem bebido não ligaram muito e ele nunca mais voltou ao assunto.

Ao fim da primeira quinzena, surgiu-lhes uma senhora à procura de trabalho, Dulce de seu nome, quarentona toda para a frentex, a quem o dono da Leitaria tinha dado a "dica". Senhora de respeito que com o tempo os foi conhecendo melhor e de vez em quando fazia um jantar, à maneira.

Hélder Cunha, acabou por seguir enfermagem na área do gesso e ossos.

Luís Serôdio, vindo da Figueira da Foz, passava horas a olhar para o tabuleiro de Xadrez e a estudar a maneira de ganhar o Euromilhões.

O Rúben entrara nos quadros da PT, assim que acabou o seu curso na área da Informática.

Entretanto, uma das manas tinha falecido e os quatro amigos foram até Bragança ao seu funeral.

Os anos foram passando, a nossa amizade era indestrutível e mantivemos sempre o respeito de não violar os quartos uns dos outros. Um dia aconteceu o inesperado, tinham desaparecido 11 mil Euros das economias da casa, apenas tinham ficado as moedas que perfaziam 215,70 €. Como Hélder Cunha não estava, Rúben reuniu com os que estavam, incluindo a D. Dulce e ficaram a saber o que se passava. Resolveram esperar pelo Hélder para tomar decisões e é aqui que a dupla entra, após pedido de auxílio.

O que eles contaram em separado e o que a dupla averiguou:

D. Dulce viu o Hélder a sair apressadamente do quarto do Rúben, estranhou o facto, mas nunca mais se lembrou.

Rúben: "Adoro a noite mas com a responsabilidade que tenho na PT, praticamente só tenho as noites de sexta-feira, o resto da semana é TV, Teatro e jogar cartas com os amigos da casa. Ate me senti mal quando não vi as notas."

"Falou a alguém aonde guardava o dinheiro?" - interpelou o Flo.

Rúben: " Nem pensar!"

Francisco Salgado: "Vivo do que o Papá envia, invisto no jogo, umas vezes ando na mó de cima outras em baixo, como é o caso de agora. Adoro mulheres, beber e sou um bom garfo. Cheguei a dizer aos colegas que punha o dinheiro, pois de certeza, a importância vai aparecer. Talvez tivesse sido uma emergência ou um desespero. Eu não fui garantidamente. Tenho sonhos, como todos nós. O meu é entrar no torneio de Poker Americano, em que o primeiro prémio é um Mercedes-Benz, 260-D a diesel, de 1932, mais 100.000 €, só que a inscrição são 1.000 dólares, ainda ando a pensar."

Serôdio, também arrisca na roleta. Segundo Tânia apurou, quando lhe foi posta a questão, disse que

jogava em Espinho, a Figueira era um meio pequeno e quando assim é todo o mundo ficava a saber.

Serôdio: "Jogo desde 2006, os porteiros já me conhecem, nem procuram pelo cartão de acesso, nem o Xadrez me deixa tão feliz. Este caso é muito triste. Estou convencido que não foi ninguém da casa e guardar o dinheiro numa caixa não é aconselhável."

Hélder: "Estive ausente, assuntos familiares assim me obrigaram. "

Quando lhe contaram da D. Dulce, respondeu secamente: - "Tentei despedir-me de alguém da casa, o que não aconteceu. Espero que não duvidem de mim e que isto não passe de uma brincadeira."

Flo e a Tânia também estavam baralhados e por isso pedem a ajuda de todos: Digam-lhes se acham que alguém dos quatro amigos tirou o dinheiro e como chegaram à vossa conclusão.

Policiário nº 1183 – Público de 6 de Abril de 2014

SOLUÇÃO

O indício principal que conduz a alguém é o Serôdio ser o único que fala da caixa de papelão, o que significa que foi ele que tirou o dinheiro.

Mas há mais indicadores, como o facto de nos casinos não se pedirem identificações, salvo em casos muito especiais.

Também os prémios do Poker não são em euros, mas sim em dólares.

O primeiro Mercedes-Benz a diesel foi o 260-D e era um modelo de 1936.

Policário nº 1189 – Público de 18 de Maio de 2014

O “ALEMÃO” ACELERA

Original de PREGO A FUNDO

Desde há muito tempo que o Inspector Sarilhos mantinha com o “Alemão”, assim conhecido porque apenas conduzia viaturas dessa nacionalidade, uma relação de gato e rato. Não que o “Alemão” fosse um tipo complicado, difícil ou particularmente perigoso, nada disso, mas a sua sagacidade ia evitando que o Inspector o apanhasse em flagrante, apesar dos delitos que ia cometendo.

Mas um dia aconteceu, porque tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde.

Uma tarde, quase noite, com as luzes artificiais a iniciarem a sua aparição, o Inspector ia calmamente ao volante do seu automóvel, numa condução despreocupada, ouvindo uma das suas músicas preferidas, debitada pela voz rouca e inconfundível de Leonard Cohen, quando por ele passou um carro igual ao seu, conduzido de forma inacreditável, passando tangentes e rodando a grande velocidade.

Num relance, o Inspector vislumbrou o “Alemão” ao volante, sorridente – diria mesmo, desafiador! Roubara a viatura, certamente!

Rapidamente, o Inspector accionou o aviso sonoro e pôs-se na peugada do malandro.

Foram algumas curvas para cá, outras para lá, mas o malandro do “Alemão” não perdia um milímetro para o Inspector. Mais, dava-se ao luxo de assinalar para onde ia, accionando os piscas adequados, por provocação ou por hábito, vá-se lá saber!

Repentinamente, “Alemão” fez o pisca para a direita e cumpriu a ordem, religiosamente, fazendo a viatura deslizar para esse mesmo lado, mas em vez de seguir em frente, continuou a rodar, estacionando em espinha, ali mesmo. Era o sítio ideal porque havia perto vários carros semelhantes, pelo que, pensava, nunca seria encontrado! Rapidamente desligou totalmente a ignição. Lembrou-se de que tinha lido um problema policial em que o bandido era apanhado porque deixava o pé direito a pressionar o travão e por isso assinalava a sua presença com o acender dos “stops” e logo retirou os pés dos pedais, ao mesmo tempo que baixava a cabeça. Não ia ser apanhado!

Ficou siderado quando ouviu bater no vidro e, ao levantar a cabeça, viu a cara sorridente do Inspector Sarilhos, fazendo-lhe sinal para saltar para fora!...

Ajudem o “Alemão” a descobrir como é que o Inspector deu com ele tão rapidamente e sem hesitações...

- A – A viatura deixou um rasto fumegante no alcatrão e assim foi identificada;
- B – A viatura emitia um sinal sonoro, que a denunciava;
- C – A viatura emitia um sinal luminoso, que a identificava;
- D – A viatura estava estacionada num local proibido.

Policário nº 1184 – Público de 13 de Abril de 2014

SOLUÇÃO

A resposta correcta é:

C - A viatura emitia um sinal luminoso, que a identificava.

Tal como é referido, o “alemão” fez o pisca, dobrou a esquina, mas não endireitou a direcção, continuou a rodar, entrando no estacionamento. Foi então que desligou o motor, tendo o cuidado de tirar o pé do travão para não assinalar a sua presença com as luzes de “stop”. Só não se lembrou que os carros alemães têm a particularidade de quando o pisca fica aceso, ao desligar-se o motor, acende-se a luz de mínimos – presença – do lado para onde está ligado o pisca, quer à frente, quer atrás!

Aliás, esta característica é comum aos Audi, BMW, etc., tudo carros alemães.

E foi assim que o Inspector ao dar a curva reparou num automóvel semelhante ao que perseguia, estacionado com a luz traseira direita acesa!

A suspeita confirmou-se.

Policário nº 1189 – Público de 18 de Maio de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 4

PARTE I

AFINAL ELE NEM ESTAVA LÁ...

Original de RIP KIRBY

PARTE II

MISTÉRIO EM NOITE DE LUAR

Original de RIP KIRBY

AFINAL ELE NEM ESTAVA LÁ...

Original de RIP KIRBY

Valente Tenrinho, senhor de apreciável fortuna, era conhecido por Major. Começara a carreira como soldado, mas o estudo dera-lhe a possibilidade de chegar a Major. Passou à reserva nesse posto. Fizera a carreira na E.P. de Artilharia como amanuense, excepto em duas comissões em Angola. A primeira como 2º sargento numa Com.ª de Art.ª no Norte da província no início da guerra. A segunda também em Angola, Luanda, como chefe dos serviços de manutenção de armamento. Dizia-se, que foi durante estas comissões que ele ganhara a sua fortuna. Na primeira comprando produtos por preços muito abaixo dos apresentados nos serviços da companhia e usando pesos falsificados. Na segunda era mais grave. Dizia-se que vendia armamento aos grupos guerrilheiros. Se era verdade, ignora-se, o caso nunca foi investigado, por vezes foram apreendidas armas, nas mãos de negros, cujos números constavam nos cadastrados do exército português e que nunca tinham sido distribuídas a qualquer militar.

Mas esta história não nos interessa, ela apenas tem a função de nos introduzir nos meandros da história que vamos contar.

Tinha o Major, predilecção por miniaturas de peças de artilharia com as quais costumava saudar os seus visitantes com algumas salvas. Num dia 9 de Junho, a casa do Major estava repleta de convidados, que começaram a chegar logo pela manhã, reunindo-se no jardim da frente da moradia, para o almoço do dia seguinte, comemorativo do dia de Portugal.

Entre os convidados, do dono da casa, estavam militares, civis amigos do Major e alguns familiares. Nesse dia, véspera do grande evento, iria acontecer um repasto para preparar os estômagos para o banquete do dia seguinte. Como de costume o Major não quis dar início à festa sem as usuais salvas pelas suas miniaturas. Estas encontravam-se sobre a mesa de trabalho do Major, no seu gabinete, viradas para um dos topos da sala onde havia sido colocado um alvo. Os convidados estavam no lado oposto da sala.

Para proceder aos disparos era aquecida uma agulha num bico de gás, e posteriormente introduzida no respectivo orifício provocando a explosão da pólvora lá colocada.

Entre os convidados encontrava-se Armando Roboredo, sobrinho do Major que morava na mesma casa, filho de uma irmã deste e de um capitão do exercito morto em Angola, em condições estranhas,

quando da segunda comissão do Major. Apaixonado pelo aerodelismo, e alegando não estar interessado em tiroteios, foi para o jardim onde colocou no ar o modelo de um Fiat da FAP.

As salvas começaram e quando faltava apenas disparar uma peça, o telefone tocou.

O Major deixou a ponta de aço a aquecer e sentando-se à secretária levantou o oscultador para atender. Mal ele executou este gesto um reflexo iluminou e simultaneamente um estrondo fez tremer toda a sala. Os convidados, ficaram paralisados pelo terror e também pela nuvem de fumo que escureceu todo o ambiente. Quando a fumaça se dissipou e os ânimos ficaram mais calmos os convidados viram o Major debruçado sobre a secretária sem se mover.

Chamem um médico! alvitrou alguém. Não é preciso, respondeu outro, sou médico, é melhor chamar a polícia, o Major está morto.

Chegada a polícia assegurou-se de que nada havia sido mexido e iniciaram os interrogatórios tentando encontrar algum suspeito para a autoria do crime. Não havia dúvida de que se tratava de um homicídio.

Os agentes procediam aos interrogatórios preliminares e o Inspector observou a mesa onde tudo ocorrera. O tampo mostrava-se muito danificado, do telefone restava o oscultador que se mantinha na mão da vítima. A miniatura da peça, fundida em bronze ficara reduzida a pó. Sobre a mesa viam-se ainda alguns bocados de fios electricos possivelmente pertencentes ao telefone.

Foram constituídos 3 suspeitos. Jerónimo de Albuquerque, capitão do exército na reserva; Fernando Mergulhão 1º sargento que não terminara o curso da Escola Central de Sargentos; e Alberto Xavier, Major já aprovado, havia dois anos, para ser promovido a Tenente Coronel mas cujo despacho não saía dos gabinetes.

Dos interrogatórios nada de útil se apurou, foi provado que nenhum dos suspeitos podia ter preparado aquela armadilha, mas corriam uns murmúrios sobre os motivos que cada um dos suspeitos teria para desejar a morte do Major,

Jerónimo de Albuquerque fora passado à reserva compulsivamente por ter colocado em dúvida a honestidade do Major o que não conseguiu provar. Fernando Mergulhão não terminou com aproveitamento o Curso da Esc. Cent. de Sarg. por ter sido reprovado numa disciplina ministrada pelo Major. Finalmente dizia-se que a promoção de Alberto Xavier estava a ser atrasada por influência do Major.

Passara uma hora desde que a tragédia acontecera quando Armando Roboredo entrou na sala perguntando o que se passava ali. Como resposta perguntaram-lhe onde tinha estado. No Jardim fazendo voar o seu Fiat. Voltara porque se acabara o combustível. Também das declarações de Armando

nada se apurou, os empregados diziam que Armando culpava o tio pela morte do pai, mas isto, possivelmente, não passava de mexericos. O jovem dava-se bem com o tio.

O que teria acontecido aqui? Justifique.

Policário nº 1187 – Público de 4 de Maio de 2014

SOLUÇÃO

Não há dúvida nenhuma de que o Major Valente Tenrinho foi vítima de um atentado.

Um homem que tenha levado uma vida aventureira como ele levou está sempre sujeito a arranjar muitos inimigos e ele arranjou-os.

Entre os convidados presentes na recepção que organizou na sua casa encontravam-se pelo menos três que tinham fortes razões para lhe desejarem a morte. São eles: Jerónimo de Albuquerque, capitão do exercito compulsivamente passado à reserva. Fernando Mergulhão 1º sargento que não havia conseguido terminar o curso da Escola Central de Sargentos. E finalmente Alberto Xavier, Major já aprovado, havia dois anos, para ser promovido a Tenente Coronel, mas cujo despacho não havia meio de sair dos gabinetes da hierarquia correspondente.

Os motivos pelos quais eles se tornaram suspeitos são bem conhecidos por nós, mas do interrogatório a que foram sujeitos nada se apurou de que os pudessemos acusar pela morte do Major.

Todos os convidados começaram a chegar pouco depois da 09h30m e reuniram-se com o seu anfitrião no jardim que embelezava a frente da moradia. Os preparativos para o repasto do almoço desse dia já tinham sido concluídos. No escritório apenas se procederia às habituais salvas de artilharia tanto ao gosto do dono da casa o que aconteceria minutos antes do início do almoço.

Como vimos esse almoço não chegou a realizar-se e o Major foi enviado para os anjinhos.

Como vimos, não foram encontrados quaisquer indício que os acusasse e é fácil chegar-se a essa conclusão. Nenhum dos convidados tinha tempo para permanecer no escritório armadilhando o telefone. Também é pouco provável, que algum dos serviçais da casa que tivesse montado a armadilha e matar o patrão significava ficarem sem emprego.

Como sabemos, entre os convidados encontrava-se também Armando Roboredo, sobrinho do Major que morava na mesma casa, filho de uma irmã deste e de um capitão do exercito morto em Angola, em condições estranhas, quando da segunda comissão do Major.

Segredavam os empregados da casa, entre si, de que Armando acusava o tio de responsável pela morte do pai. Não podemos garantir de que tal mexerico tenha algo de verdadeiro, mas o mal é as más línguas injectarem o seu veneno.

Analizando com alguma atenção os factos fácil é concluirmos que de entre todos é Armando quem melhor oportunidade teve para armadilhar o telefone. Ele podia-se movimentar pela casa sem causar estranheza alguma podendo assim dedicar-se à vontade à tarefa a que se propusera.

Quando chegou o momento que melhor lhe pareceu telefonou para o tio e aconteceu o que já

sabemos. Depois deixou-se ficar no Jardim ainda durante algum tempo e quando chegou a casa fingiu que não sabia de nada do que se passou.

Uma nota final para esclarecer que algumas das miniaturas de peças de artilharia feitas em bronze e que se podem comprar em algumas lojas se prestam perfeitamente para o que aqui foi narrado, eu já assisti a algo parecido há anos quando estive em Macau num jantar de antigos artilheiros.

Contudo o que provocou a morte do Major não foi nenhum tiro de artilharia mas sim a explosão do telefone armadilhado.

Policiário nº 1193 – Público de 15 de Junho de 2014

MISTÉRIO EM NOITE DE LUAR

Original de RIP KIRBY

Era uma formosa noite de Janeiro. Estava frio, é verdade, mas no céu não se via uma nuvem e lá no alto, embora já se aproximando do Ocaso, a Lua Cheia iluminava a Terra com a sua luz pálida.

Cerca das 05h00m da madrugada, mais minuto menos minuto, alguém, não identificado, telefonou para a esquadra de Polícia informando que em determinado andar de um prédio situado em certa rua tinha acontecido um crime. O informante disse que ouvira um tiro.

Chegado ao local o piquete da Polícia, depois de tocar a campainha e não obtendo resposta, resolveu arrombar a porta.

Efectivamente foi encontrada uma jovem estendida no chão, entre um sofá e uma mesa de centro, tendo no temporal direito o ferimento provocado por uma bala. A arma usada, uma pequena baretta havia sido atirada para debaixo de um móvel. Sobre a mesa, atrás referida, encontrava-se um balde com pedras de gelo já meio fundido e uma garrafa de champanhe aberta com o conteúdo intacto. Havia também dois copos próprios para o consumo da bebida referida.

O tiro fora disparado de muito perto pois o ferimento, além de outros sinais característicos dessa circunstância, tinha os bordos queimados e sinais de pólvora. O derramamento de sangue, devido à cauterização do ferimento, não tinha sido muito grande.

A vítima envergava roupas caras, mas bastante ousadas. Nas costas de um sofá repousava, como que atirado para ali ao acaso, um casaco de peles. Junto do casaco estava uma bolsa no interior da qual foram encontrados os documentos da vítima. Tratava-se de uma cidadã mexicana de nome Marga Romero que trabalhava como stripper num clube noturno da cidade.

Tão depressa quanto foi possível a Polícia iniciou as investigações. No clube, onde trabalhava a jovem, informaram que ela havia saído do estabelecimento pouco depois das 04h30m. Saíra sozinha, mas o porteiro informou que na rua alguém a esperava num carro. Ainda, por informações obtidas no clube, soube-se que a jovem naquela noite confraternizara com quatro clientes já bastante conhecidos cujos nomes foram fornecidos. Ainda não eram dez horas já a polícia havia interrogado os quatro indivíduos sinalizados.

Amílcar Cardoso, técnico de informática, declarou ter saído do clube com o seu vizinho e colega de

trabalho cerca das seis horas da madrugada. Saíram tão tarde, ou cedo, porque era Sábado e não iriam trabalhar.

Óscar Afonso, técnico de informática tal como o seu vizinho, confirmou as declarações do seu colega.

António Fonseca, Inspetor aposentado da PJ, actualmente trabalhando como detective particular. Convidou os investigadores a entrarem. Disse que de facto estivera no clube naquela noite, mas tinha saído cedo, cerca das 04h30m. Até tinha trazido de lá uma garrafa de champanhe pois pensava em telefonar a uma garota para lhe ir fazer companhia, mas não conseguira contactar com ela. Acabara por não beber o champanhe e ficar sozinho.

Enquanto um dos agentes recolhia as declarações o outro deu uma volta pela casa que até nem era muito grande, um quarto, uma cozinha e uma saleta de entrada. Este agente informou mais tarde o colega de que não tinha visto nada de anormal, nem sequer qualquer sinal de bebidas alcoólicas.

José Jeremias conhecido por “O Morcego”, não tinha profissão conhecida, mas nunca lhe faltava dinheiro. Irritado com o interrogatório afirmou desabridamente, que saíra do clube era já quase dia. Normalmente era sempre o primeiro cliente a entrar e o último a sair.

Todas estas declarações foram confirmadas pela gerência do Clube.

O médico legista que, contra o que é habitual, compareceu no local do crime pouco depois da chegada da polícia, depois de examinar a vítima, afirmou que a morte deveria ter ocorrido bastante perto da hora a que foi dado o alarme pois o corpo ainda não se encontrava frio.

Depois destas investigações a polícia depressa concluiu quem tinha sido o assassino. E os meus amigos quem acham que foi?

- A – José Jeremias
- B – Amílcar Cardoso
- C – António Fonseca
- D – Óscar Afonso

Policiário nº 1188 – Público de 11 de Maio de 2014

SOLUÇÃO

É a alínea (C) aquela que encerra a resposta certa para a solução deste problema.

Todas as declarações foram confirmadas pela gerência do Clube Noturno onde a vítima trabalhava. Neste caso ficámos a saber sem qualquer dúvida que três dos suspeitos, Amílcar Cardoso, Óscar Afonso e José Jeremias, saíram da casa de diversão já depois da hora a que ocorreu o crime pelo que nenhum deles o poderia ter cometido.

António Fonseca, o suspeito referente à alínea (C), saiu cerca de meia hora mais cedo do que a vítima. Poderia ter sido ele o assassino mas parece também não existir qualquer prova de que tivesse sido ele. Porém no seu depoimento ele cometeu uma gafe que o comprometeu irremediavelmente.

Afirma António Fonseca que quando saiu do Clube levou para casa uma garrafa de champanhe o que, como já vimos, foi confirmado pela gerência da casa noturna. No entanto o agente policial que deu uma vista de olhos pela casa não viu lá sinais de bebida alcoólica sendo muito provável que a garrafa que ele levou e aquela que foi encontrada na mesa em casa da vítima sejam a mesma.

Numa investigação mais aprimorada, que aqui não é possível levarmos a cabo, exames dactiloscópicos e outros, efectuados no local, é natural que confirmem esta nossa primeira impressão.

Policiário nº 1193 – Público de 15 de Junho de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 5

PARTE I

INGREDIENTE SECRETO

Original de BERNIE LECEIRO

PARTE II

O ÚLTIMO MERGULHO DO SUBMARINO U-1277

Original de BERNIE LECEIRO

INGREDIENTE SECRETO

Original de BERNIE LECEIRO

Email:

Di: Francesco Bernoulli

Data: 20 maggio 2013

A: Inspettore Alves da Selva

Soggetto: Viaggio a Matosinhos

Ciao Inspettore:

Estou de regresso à minha bela Positano, a vila mais bonita do sul de Itália, mas confesso que gostei muito da visita ao seu país e principalmente da vossa hospitalidade. Pena tive, que o inspector tivesse sido destacado para a América do Sul e dessa forma não nos pudéssemos encontrar para me mostrar a beleza da sua região. Fui por minha conta e risco.

Como é boa a vossa gastronomia! E as cidades? Bonitas, cuidadas e cheias de história.

Fantástica a vossa rede de transportes públicos, principalmente o metro de superfície, confortável, com bastante frequência e a passar pelo meio das cidades.

Como não podia deixar de ser, comecei pelo Mercado de Matosinhos, um belíssimo exemplar da arquitectura moderna, classificado como Monumento de Interesse Público, onde podemos apreciar a qualidade do produto pelo qual Matosinhos já foi considerado o maior porto sardineiro do mundo, peixe fresquíssimo e os mais variados produtos hortícolas que aqui fariam inveja a qualquer produtor Napolitano. Fantásticas as vendedoras, muito genuínas e sempre prontas a uma graça.

De seguida fui às festas do Sr. de Matosinhos, uma das maiores romarias do vosso país, com visita obrigatória à igreja com os seus altares magnificamente enfeitados, uma tradição muito antiga desde os tempos em que Matosinhos era a vila que vendia mais flores para o resto do país e a imagem muito antiga de cristo envolta em curiosas lendas sobre a forma como apareceu na praia. Segundo a tradição, a imagem do Senhor de Matosinhos é uma das mais antigas de toda a cristandade. A lenda diz que esta imagem foi esculpida por Nicodemos, que assistiu aos últimos momentos de vida de Jesus, sendo por isso considerada uma cópia fiel do seu rosto. Nicodemos esculpiu mais quatro imagens mas esta é

considerada a primeira e a mais perfeita. A imagem é oca porque nela teria Nicodemos escondido os instrumentos da Paixão e, nesses tempos de perseguição, os objectos sagrados eram escondidos ou atirados ao mar para escaparem à fogueira. Nicodemos atirou a imagem ao mar Mediterrâneo, na Judeia, e esta foi levada pelas águas, passou o estreito de Gibraltar e veio dar à praia de Matosinhos, perdendo na viagem um braço. A população de Bouças ergueu-lhe um templo e designou a imagem por Nosso Senhor de Bouças, venerando-a durante 50 anos pelos seus muitos milagres. Mas um dia, andava uma mulher na praia de Matosinhos a apanhar lenha para a sua lareira, quando encontrou um pedaço de madeira que juntou aos restantes. Em casa, lançou-o ao fogo mas este pedaço saltou da lareira não só da primeira, mas como de todas as vezes que ela o tentava queimar. A sua filha, muda de nascença, fazia-lhe gestos desesperados para que dizer qualquer coisa e, por fim, balbuciou, perante o espanto da mãe, que o pedaço de madeira era o braço de Nosso Senhor das Bouças. Assombrada pelo milagre a população verificou que o braço se ajustava tão bem à imagem que parecia que nunca dela se tinha separado. No século XVI, a imagem foi mudada para uma igreja em Matosinhos, construída em sua honra, ficando a ser conhecida por Nosso Senhor de Matosinhos.

Já no Porto junto à Trindade, pude observar a imponência do conjunto arquitectónico da principal avenida da cidade onde me disseram que costumam festejar as conquistas do seu principal clube de futebol, e dizem que tem sido muitos ultimamente.

Ao longo da minha viagem verifiquei que todas as vossas cidades e vilas respiram história dando os nomes dos navegadores às vossas ruas, praças e estações: Gonçalves Zarco, Infante D. Henrique, Gil Eanes, Bartolomeu Dias, etc. O mais heróico terá sido Vasco de Gama. Curiosamente no dia em que estive em Portugal, comemoravam-se 515 anos sobre a sua chegada à Índia.

Uma das lendas mais curiosas que me contaram, e não foram poucas, foi a lenda das Sete Bicas. Junto à capela da Senhora da hora existe uma fonte, “Fonte das Sete Bicas”, que em tempos idos era procurada pelas suas propriedades casamenteiras. Para tal, o rapaz ou rapariga desejoso de, durante o ano seguinte, encontrar o seu parceiro ideal, teria que beber de um só fôlego das sete bicas que a fonte possuía. Hoje a água não é potável, deve ser por isso que cada vez é mais difícil encontrar o parceiro ideal...

Sabe que em cada país que visito tenho por hábito comprar uma camisola do clube de futebol de que mais gosto. No Brasil trouxe a camisola do Vasco da Gama, de Espanha a do Barcelona, da Holanda a do Ajax... Como tal, não pude deixar de comprar uma camisola do FC Porto. Um pescador de Matosinhos, ainda teve a gentileza de me oferecer uma do Leixões, clube pequeno mas cheio de tradição, com uma massa associativa fervorosa, a lembrar a do clube do meu coração, o Società Sportiva

Calcio Napoli!

Outro personagem da vossa história: Brito de Capelo, oficial da Marinha portuguesa e explorador do continente africano durante o último quartel do século XIX. Participou com Roberto Ivens na célebre travessia entre Angola e a costa do Índico. A rua em Matosinhos com o seu nome, outrora a principal da cidade com as suas lojas e serviços municipais, apresenta agora uma imagem triste e abandonada, com lojas de artigos orientais e outras, pura e simplesmente fechadas. Uma solução urgente é necessária, é um péssimo cartão de visita para quem chega de fora como eu, ou através do novo terminal de cruzeiros de Leixões uma jóia da coroa da vossa cidade.

Por fim fui até Francos, topónimo dado em homenagem às colónias francesas existentes no Porto desde o início da Monarquia, onde ficava o meu hotel. O dia já ia longo e o meu voo era cedo, no dia seguinte.

Como sei que o inspector partilha comigo o gosto por um bom enigma e pelas as famosas pizzas napolitanas do mestre piaizollo Mezzero que eu surpreendentemente fui descobrir nesse cantinho ocidental da Europa maravilhoso, deixo-lhe o desafio de descobrir o meu ingrediente preferido usado pelo mestre na confecção das suas pizzas.

Un abbraccio

Il tu amico, Francesco

Policiário nº 1191 – Público de 1 de Junho de 2014

SOLUÇÃO

O ingrediente secreto proposto no enigma é BASÍLICO, nome científico de *Ocimum basilicum*, ou manjerição, planta aromática muito utilizada na cozinha italiana.

A chave para o enigma passa pela associação do alfabeto latino resultante do acordo ortográfico de 1945, com 23 letras, às 23 paragens da linha A ou linha Azul do Metro do Porto.

No texto são descritos oito momentos, ou oito associações de uma visita de uma Napolitano da vila de Positano à região do Grande Porto, que descreve ao seu amigo inspector Alves da Selva, ausente do país, em missão sentimental pelos países quentes da América Latina.

Para tal usou como meio de transporte o Metro do Porto, nomeadamente a linha azul que liga Matosinhos ao Estádio do Dragão.

Fazendo a associação das letras à respectiva estação por ordem crescente:

1ª paragem – Senhor de Matosinhos – letra A

2ª paragem – Mercado - letra B

3ª paragem – Brito Capelo – Letra C

E assim sucessivamente até...

23ª paragem – Estádio do Dragão – Letra Z

Assim obtemos:

B – Mercado

A – Senhor de Matosinhos

S – Trindade

I – Vasco da Gama

L – Sete Bicas

I – Vasco da Gama

C – Brito Capelo

O – Francos

Fica aqui a sugestão a toda a comunidade policiária para uma visita ao grande Porto. Cá estaremos para vos receber com enorme hospitalidade, usem os transportes públicos a maneira mais prática, mais barata e melhor para conhecerem a riqueza patrimonial e cultural das nossas cidades.

Policário nº 1198 – Público de 20 de Julho de 2014

O ÚLTIMO MERGULHO DO SUBMARINO U-1277

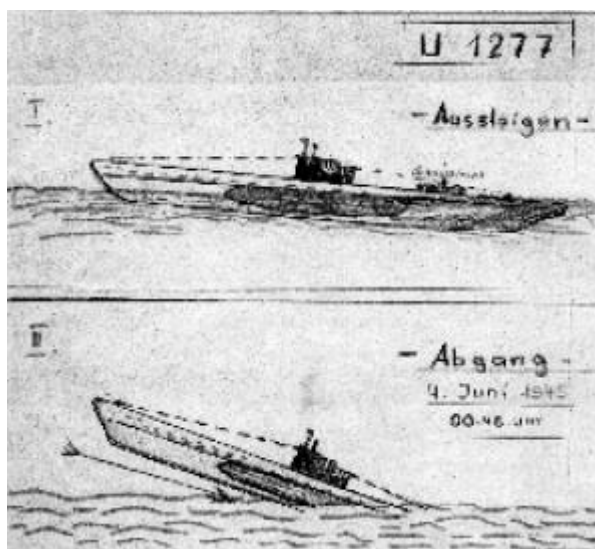
Original de BERNIE LECEIRO

Numa das suas inúmeras incursões na fantástica biblioteca municipal Florbela Espanca, onde ocupa os seus dias de inspector aposentado, Alves da Selva descobriu este curioso tesouro, com exactamente a sua idade, 68 anos!

“Diário de bordo da lancha salva vidas Carvalho Araújo - 4 de Junho de 1945

A uma milha da costa da Praia de Angeiras, foram encontradas balsas de borracha com cidadãos de nacionalidade alemã supostamente tripulantes do submarino alemão U-1277, nomeadamente os Srs. Kurt Ernest e Walter Herktroeter, cabos operadores de rádio, este último expressando-se num Castelhana bastante razoável fruto da relação amorosa mantida com uma artista de cabaret Galega, que actuava num botequim da cidade de Hamburgo antes da II grande guerra estourar e ter que embarcar, tendo-nos relatado o seguinte episódio, que, após a possível tradução, dá-mos conhecimento à unidade militar do Forte de S. João da Foz, no Porto:

O submarino alemão U-1277, um u-boat tipo VIIC deixou a base no dia 22 de Abril, sob intenso bombardeamento, para a sua primeira e única patrulha como submarino de combate, submergindo logo de imediato no Mar do Norte sem poder emitir qualquer sinal de rádio sob o risco de ser localizado e afundado pelas forças aliadas. A tripulação apenas recebia informação através do aparelho de rádio montado no topo do snorkel. Foi dessa forma que receberam a 4 de Maio a mensagem do Almirante Karl Dönitz, que ordenava a todos os submarinos que se encontravam no activo a suspenderem todas as acções ofensivas contra os navios aliados, desarmarem os seus torpedos, emergirem, içarem a bandeira negra e se entregassem no porto aliado mais próximo, era o início da “Operação Arco-íris”, e dias mais tarde, a 7 de Maio, a notícia da capitulação da Alemanha. A guerra terminara.



O comandante não pretendia entregar o submarino aos aliados. Voltar à base naval de origem, em Kiel, na Alemanha, implicava enfrentar de novo um longo caminho pejado de navios inimigos e aviões. E uma vez chegados a Kiel, havia sempre o risco do porto ter caído nas mãos dos soviéticos, sinónimo de morte certa para qualquer soldado alemão. A Argentina era um dos destinos possíveis, mas cedo abandonado, pois estava fora de alcance. A cidade de Vigo, no norte de Espanha, foi então o destino escolhido pelo comandante Stever e aprovado pela sua tripulação. Mas, devido à confusão das comunicações na altura, receberam a informações de movimentos comunistas em Espanha, o que os fez abandonar esse destino. Há 42 dias que o submarino navegava submerso, com o combustível, assim como os mantimentos, quase no fim. Portugal foi a escolha do comandante e dos seus homens pelo facto de ser um País neutro e se encontrar perto, apesar do nosso interlocutor preferir arriscar o desembarque em Vigo.

O ponto de encontro combinado pela tripulação em terra seria junto a dois moinhos na praia de Labruge.

Depois de abandonar a maior parte da sua tripulação e dos seus objectos pessoais, entre os quais se encontravam Kurt Ernst e Walter Herkstroeter que nos relataram estes factos, em balsas de borracha a aproximadamente uma milha de costa ao largo de Angeiras, o comandante Stever rumou para Sudoeste.

Após este relato de Walter, rumamos como indicado para Sudoeste onde a cerca de 2 milhas e meia de terra encontramos a última balsa com os restantes cinco elementos em falta da tripulação de um total de 44.

Com a ajuda de Walter, interrogamos o Comandante Stever, que nos concluiu o relato do afundamento do submarino:

Os torpedos foram desactivados e distribuídos pelo navio quatro homens, entre os quais o oficial de máquinas Engel, com instruções para o afundar. Foi abandonado a 2.5 milhas de terra com os quatro tubos lança torpedos da proa, as válvulas de escape da casa das máquinas, as aberturas de ventilação da câmara de imersão e a escotilha da torre abertas, de maneira a inundar e inutilizar o submarino por completo.”

De seguida era apresentada uma lista dos 44 tripulantes recolhidos pela lancha salva vidas Carvalho Araújo, distribuídos pelas diferentes balsas encontradas, tendo a última a seguinte constituição:

Para além do já citado Comandante Peter Ehrenreich Stever

A – Imediato Johannes Malwitz

B – Segundo imediato Karl Hermann Stachow

C – Oficial médico Wolfgang Schäuble

D – Oficial de máquinas Ernest Engel

Da lista apresentada, um deles terá revelado identidade e posto errado. Alves da Selva profundo conhecedor das hierarquias militares, fruto das suas campanhas militares em Angola aquando da guerra colonial, de imediato deu pelo gato que supostamente terá escapado ao relator da lancha Carvalho Araújo.

Policiário nº 1192 – Público de 8 de Junho de 2014

SOLUÇÃO

O intruso na lista apresentada é o C- Oficial Médico – Wolfgang Schäuble.

O submarino U-1277 era um submarino do tipo u-boat com 44 tripulantes a bordo do qual faziam parte 4 oficiais, 1 navegante, 1 contramestre, 2 sub-oficiais de motores (eléctricos e diesel), 2 sargentos escutas, 3 cabos operadores de rádio, 4 cabos operadores de motores, 17 cabos de marinha, 9 marinheiros e 1 cozinheiro.

O posto de oficial médico só era ocupado em submarinos maiores com tripulação superior a 50 pessoas, como os do tipo IX, X, XIV e XXI.

Resta fazer um convite a todos os amantes de mergulho, que ainda hoje é possível visitar o que resta do submarino alemão, ao largo da actual Praia das Pedras Brancas, em Lavra. Para quem não for adepto do mergulho aproveitem para dar uma caminhada e usufruir das excelentes condições dos novos passadiços da marginal e quando passarem na Praia das Pedras Brancas podem repousar um pouco e respirar um pouco da história mundial que repousa nas nossas águas.

Policiário nº 1198 – Público de 20 de Julho de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 6

PARTE I

A MILIONÉSIMA SEGUNDA NOITE

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

PARTE II

ROUBARAM A GIOCONDA

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

A MILIONÉSIMA SEGUNDA NOITE

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

Por nada deste mundo o Inspector Garrett perdia os serões de sábado à noite em casa da Tia Laurinda. As reuniões do grupo de amigos a que ela com ironia chamava de "Os Patuscos" proporcionavam sempre bons momentos e o Patranhas aparecera naquela noite com uma revelação extraordinária.

- "Calculem que quando andava a limpar a casa que foi dos meus avós encontrei no meio dos livros da estante um documento incrível que pode muito bem vir a alterar a história da literatura mundial. Conseguem imaginar que "As mil e uma noites" que nós conhecemos podem não terminar como julgamos? Toda a gente conhece o final em que o Rei Xahriar acaba por perdoar a Xerazade, encantado com as histórias que ela foi contando, noite após noite, deixando habilidosamente o final para a noite seguinte. Ela impedia assim que ele de manhã mandasse cortar-lhe a cabeça, como havia feito a todas as anteriores noivas, após terem dormido com ele apenas uma vez. Pois bem, encontrei um texto que parece ter sido recolhido no século XVI por um antepassado meu que assinava Padre Dâmaso e que viajou muito pelo Oriente. Nele se relata o que se terá passado numa milionésima segunda noite que não consta de nenhuma versão conhecida, e no fim da qual o Rei Xahriar mandou mesmo matar Xerazade."

- "Como é isso possível? - interrompeu Garrett - A característica fundamental da obra é a de poupar a vida de Xerazade, o que é considerado uma homenagem à irresistibilidade feminina que cativa o Rei e o faz desistir da sua lei cruel."

- "Pois, mas vejam esta descoberta que me veio parar às mãos. Numa gaveta cheia de papelada velha encontrei esta relíquia, uma carta assinada por um tal Padre Dâmaso datada de Patriarcado de Lisboa, 10 de Outubro de 1582, a qual acompanhava um antigo documento escrito em árabe, que esse meu antepassado dizia na carta ter encontrado uns tempos antes em Samarcanda, numa das suas viagens. Claro que já mandei traduzir o escrito para português e vou ler-vos o seu conteúdo:

"Na milionésima segunda noite o Rei Xahriar disse a Xerazade que estava rendido ao seu talento de contar histórias e disposto a poupar-lhe a vida, mas para tal ela teria de solucionar um enigma que lhe passava a propor:

"Um poderoso Sultão tinha uma bela filha em idade de casar. Sabendo haver três pretendentes, Ibrahim, Abul e Hassan, interrogou a filha para saber qual deles era o preferido, ao que ela respondeu manifestando o desejo de casar com alguém verdadeiramente inteligente e corajoso. Caso o não fosse, melhor fora ser punido com a morte, como castigo pela ousadia de a requestar. Como era voz corrente serem os três muito inteligentes, decidiu o Sultão submetê-los a uma prova decisiva. Numa sala de onde mandou retirar todos os espelhos, colocou os jovens em triângulo e mostrou-lhes cinco pequenos solidéus, três de cor preta e dois de cor branca, à medida que os introduzia num saco. Passando depois por detrás deles, tirou à vez um solidéu do saco e colocou-o sobre a cabeça de cada um, sem que o próprio pudesse ver a cor. Dentro do saco sobraram dois solidéus cuja cor eles ignoravam. Cada um podia assim ver os dois solidéus nas cabeças dos outros, mas não o próprio. E disse-lhes que daria a filha em casamento àquele que primeiro descobrisse a cor do seu solidéu, explicasse como havia chegado a essa conclusão, e preveniu-os de que a inteligência e a coragem demonstradas seriam decisivas. Passou algum tempo de silêncio. Todos hesitavam. O Sultão não garantira a equidade e eles desconfiavam da sua imparcialidade. Mas corajosos decidiram continuar. Às tantas, rompendo o silêncio, Ibrahim declarou desistir. Passou mais algum tempo e Abul disse desistir também. Foi então que Hassan acertou na cor do seu solidéu e disse o porquê. De resto cada um explicou o porquê da sua decisão e manifestou a convicção de que a sua resposta tinha sido a mais inteligente em cada ocasião. Mas tal não foi a opinião do Sultão que, satisfazendo o desejo da filha, mandou executar os três jovens e explicou a razão porque qualquer deles podia ter sido mais inteligente."

"Agora Xerazade, disse o Rei, tens de me responder correctamente a quatro questões: como foi que se justificou cada um dos três pretendentes, e qual foi a explicação que o Sultão deu para a sua decisão final?" Xerazade, que tinha encantado o Rei Xahriar com a sua arte de contar histórias, não foi capaz de encontrar uma resposta convincente e na manhã seguinte foi executada, seguindo o exemplo das anteriores noivas do Rei."

"Caramba, que final cruel! - exclamou Garrett - E a história acaba assim? Nem uma resposta às quatro questões do Rei Xahriar?" - "Não, mais nada. - disse o Patranhas - Procurem vocês as respostas."

"Tem graça, isto lembra um problema de raciocínio lógico há muito conhecido. - lembrou o Piquínhas - Não custa a crer que a origem possa vir do Oriente, só que essa carta do Padre Dâmaso é muito duvidosa." Todos ficaram a pensar na resposta às questões presentes na história e o curioso é que foi a Tia Laurinda quem primeiro encontrou uma solução correcta. Quem quer imitá-la?

Policiário nº 1196 – Público de 6 de Julho de 2014

SOLUÇÃO

Podem sossegar os apreciadores porque ainda não será desta que vai ser posto em causa o final da bela obra que é "As mil e uma noites". De resto, aparecerem novas histórias possíveis de nela serem incluídas, é coisa que pode sempre acontecer. As histórias que a compõem, de origem diversa e popular, foram sendo acrescentadas ao longo dos tempos a partir, ao que se crê, do século IX. No Ocidente passou a ser conhecida numa tradução para o francês em 1704 pelo orientalista Antoine Galland, na forma hoje conhecida e mais tarde traduzida em quase todas as línguas. Mas tudo nos indica que o Patranhas terá inventado os dois documentos com que esperava brilhar naquela noite em casa da Tia Laurinda. Vejamos:

A carta do padre Dâmaso é certamente falsa. Por dois motivos. Primeiro porque Patriarcado de Lisboa só existiu a partir de 1716. E depois porque aquela data, 10 de Outubro de 1582, nunca existiu. Na verdade, nesse ano Portugal passou do calendário Juliano para o Gregoriano, e dez dias foram pura e simplesmente apagados, entre 4 e 15 de Outubro. Foi uma das consequências do Concílio de Trento, durante o papado de Gregório XIII. E o Patranhas parece estar a mentir quando se contradiz dizendo primeiro que os papéis estavam no meio dos livros da estante e mais tarde que os encontrou numa gaveta. Quanto ao outro texto poderíamos também duvidar do uso da palavra "solidéu" num documento árabe, por ser um adereço de cabeça usado por religiosos cristãos ou judeus, mas enfim, poderia ter sido um efeito da tradução para português. A alternativa seria a palavra "calota". Mas como a carta é falsa, o documento também o será naturalmente.

Passemos agora às quatro questões colocadas pelo Rei Xahriar à inventiva Xerazade. Eis a resposta dada pela Tia Laurinda:

- "Vejamos como terão explicado as suas decisões os três pretendentes. Após a colocação dos três solidéus retirados dos cinco, três pretos e dois brancos, passou algum tempo, após o que Ibrahim desistiu. Certamente porque não viu nas cabeças dos rivais na sua frente dois solidéus brancos, - caso contrário teria a certeza de que o seu era preto. Ibrahim pensou assim dar uma prova da sua inteligência, já que não tinha mais certezas. Passa mais algum tempo e Abul pensa: "O Ibrahim certamente desistiu porque não via dois brancos. Logo em nós dois que ainda não falámos, pode haver ou dois pretos, ou um branco e um preto. E o meu pode ser o branco, mas também pode ser preto. Como saber? Não quero falhar e o mais inteligente, com os dados que tenho, será desistir também". O caminho ficou agora livre para Hassan que, tendo percebido as razões das desistências anteriores, já sabe que o seu solidéu é de certeza preto, pois se fosse branco, o Abul teria acertado."

Laurinda prosseguiu: "Isto foi o que os três terão dito no fim, reivindicando a inteligência das suas respostas, com os dados que cada um possuía em cada ocasião. Mas o Sultão demonstrou-lhes que podiam ter sido bastante mais inteligentes:

- "Meus jovens, a verdade é que qualquer de vocês, rapazes inteligentes, podia ter acertado sem esperar por respostas de outros. Bastava terem interpretado o silêncio como interpretaram as desistências. De início era mais do que evidente para todos que não podiam estar colocados os dois solidéus brancos, caso contrário aquele que os visse teria concluído rapidamente que o próprio era preto, e o único preto. Não aconteceu. Que não estavam dois brancos vocês já sabiam mas, em face do silêncio de todos, podiam também ter percebido que nem sequer um podia estar, porque se alguém eventualmente visse um branco apenas, sabendo já que não podia haver dois, concluiria logo que forçosamente tinha um preto na própria cabeça e tê-lo-ia dito. Mas o silêncio continuou. Estavam assim todos aptos a dizer, ao fim de um certo tempo, que o seu solidéu era preto, tal como os dos outros, e que os dois brancos tinham ficado no saco. Estas teriam sido a resposta e a explicação mais inteligentes e ao alcance de todos sem necessidade de desistências. Bastava um pouco de raciocínio próprio e confiança no dos outros. E ninguém sabia que eu estava a ser imparcial e tinha respeitado a equidade usando apenas os solidéus pretos, porque se o soubessem teria sido fácil demais. A verdade é que também isso vocês teriam de descobrir. Mas como as vossas respostas, apesar de tudo, não foram de todo estúpidas, vou poupar-lhes a vida. Noiva é que terão de ir procurar a outro lado." - Isto era o que o Sultão podia ter dito - continuou Laurinda - e seria a forma que eu usaria para concluir a história, com a mesma clemência que o Rei usou para com Xerazade no conhecido final da obra. Assim tudo acabaria sem sangue derramado."

A Tia Laurinda mais uma vez dava provas da sua perspicácia e bom senso. - "Pois é, - disse o Patranhas - o documento árabe nunca existiu, nem o Padre Dâmaso. E até já saiu um problema que lembra este, mas de todo não igual, nos DESAFIOS, no PÚBLICO, em Abril de 1990. De facto tentei enganar-vos."

E Garrett rematou: "O mais curioso em "As mil e uma noites" é que, ao longo de mais de duas mil páginas de ficção, não ficamos a saber quase nada sobre uma das protagonistas mais conhecidas da história da literatura, a não ser que tinha uma irmã que lhe pedia para contar histórias, era filha de um Vizir e tinha uma notável arte de narrar. Em frases curtas e quase sempre iguais, entre as histórias que vai contando, apenas nos é dito que é discreta. Mas conseguiu, com a sua habilidade, vencer a crueldade do Rei. Acabaram por casar e ter muitos meninos. Se terão sido felizes é que ninguém sabe. Mas que ideia tão cruel que teria sido mandar cortar-lhe o pescoço! Felizmente que o Patranhas inventou tudo isso."

E a noite acabou com todos a ouvir o belo poema sinfónico "Xerazade" de Rimsky-Korsakov. Vamos fazer o mesmo?

Policiário nº 1204 – Público de 31 de Agosto de 2014

ROUBARAM A GIOCONDA

Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

Há muitos anos havia zonas nesta velha Lisboa que não eram de todo recomendáveis para qualquer pacato e honesto cidadão. José Saramago, que passou alguns anos da sua juventude no bairro da Penha de França, refere no seu "Caderno 2" o Pátio do Padeiro no chamado Vale Escuro, para onde se escapulia a garotada da vizinhança em busca de aventura, "local onde a gente "normal" não se atrevia a entrar e a própria polícia evitava fazendo vista gorda aos supostos ou autênticos comportamentos ilícitos dos seus habitantes". Quando anos mais tarde o camartelo municipal limpou a área, ficou de pé durante alguns anos um pequeno prédio que incluía um cafezito chamado "Toca do Leonardo", sobrevivendo enquanto foi possível à construção das "gavetas" de habitação sobrepostas que hoje ocupam o local. O velho Leonardo tornara-se amigo do então jovem Garrett após um problema que tivera com a polícia por causa de uma questão de falta de licença para vender castanhas assadas na rua. O processo acabou por ser esquecido e o velho ficou para sempre agradecido a quem julgava ter sido o responsável pela "amnésia" da polícia. Garrett nunca o assumiu, mas a verdade é que a amizade entre os dois homens perdurou.

Num domingo de temporal desfeito sobre Lisboa, com ventos ciclónicos e chuva que duraram todo o dia, Garrett resolveu ficar em casa a pôr papéis em ordem. Seriam talvez umas sete da tarde quando o telefone tocou. Era o Leonardo aflito a gritar: "Roubaram a Gioconda!" - "O quê, outra vez? - exclamou Garrett. - A última vez que isso aconteceu foi em 1911! Outro italiano maluco?" - "Não brinque, Inspector, a minha gata desapareceu. Ajude-me, por favor."

O Leonardo tivera veleidades artísticas na juventude, tendo chegado a ser autor do guarda-roupa de marchas populares. Herdara a leitaria "Flor de Ourense" da filha de um galego, de quem enviudara há coisa de dez anos, e o "estaminé", mudado o nome, lá ia fazendo algum negócio enquanto houve clientela. Porém ultimamente naquele deserto raramente aparecia alguém e o homem dedicara-se então às castanhas assadas que vendia numa padiola clandestina, sobretudo aos domingos, quando o café estava fechado. A sua única família era agora uma gata maltesa a que dera o nome de Gioconda e que era uma espécie de mascote do café, de onde nunca saía.

Garrett não podia faltar ao apelo do amigo e assim apanhou um táxi para o local, onde se inteirou

do que se passara. Leonardo, que vivia perto, às 11 horas estivera no café a deixar comida para a Gioconda, e tudo estava normal. De seguida pedalou com a gerigonça das castanhas para o Campo Grande, pois jogava o Benfica. Não podia perder o negócio, apesar do temporal. Quando, ao fim da tarde, voltou para arrumar a gerigonça, encontrou a rapariga que lhe costumava limpar o estabelecimento, a Elsa, a dar-lhe chorosa a triste notícia de que a bicha tinha desaparecido. -"Como é que aconteceu? - queixava-se o Leonardo - Fugir era impossível porque as janelas estavam todas fechadas. De certeza que a roubaram, inspector. Ontem à tarde dei pela falta de uma chave suplente que tinha pendurada na ombreira da porta. A Elsa encontrou-a hoje em cima do balcão quando aqui entrou."

A rapariga apressou-se a esclarecer: -"Foi isso. Ainda não eram duas horas vim ao café porque na véspera tinha-me esquecido do porta-moedas. Claro que utilizei a chave que uso sempre que venho fazer a limpeza. O porta-moedas estava onde o tinha deixado, a gata é que não estava em parte nenhuma. A única porta da rua estava fechada à chave com duas voltas como o Sr. Leonardo a costuma deixar. Não tinha maneira de o contactar, por isso fiquei aqui à espera dele pois sabia o desgosto que ia ter."

- "Quantas pessoas têm chave desta porta?" - perguntou Garrett. Leonardo: - "Além da minha, da da Elsa e desta que estava ali pendurada, como por vezes eu sou distraído, distribuí outras duas pelos vizinhos do prédio. A Dona Rosa que mora no andar de cima e o Sr. Lopes do segundo andar. É gente que está quase sempre em casa porque já são velhotes."

Chamados à presença de Garrett mostraram as suas chaves e declararam, o Lopes ter saído pelas dez e ter estado sempre à pesca na doca do Poço do Bispo, e a Dona Rosa ter ido, como era costume ao domingo, à missa das onze à igreja da Penha de França, onde encontrou uma prima que morava ali perto. Regressara havia pouco, acompanhada da prima em casa de quem estivera. Vinham ambas encharcadas da chuva que não parara todo o dia. O Lopes voltara pelas três horas, e a Elsa confirmou tê-los visto chegar. Ele vinha na sua "arrastadeira" e até ia escorregando ao dar uma corrida até à porta para não se molhar. E a rapariga, aproveitando uma oportunidade, chamou de parte o Inspector e segredou-lhe: "Eu não sei se lhe deva dizer isto, mas a verdade é que a Dona Rosa gostava muito da gata e mais do que uma vez me disse que achava muito mal que a bicha passasse aqui tanto tempo só. Talvez isto não queira dizer nada, mas o senhor lá sabe..."

A Dona Rosa por sua vez não teve qualquer dúvida em dizer-lhe, também à parte: -"Este senhor que mora cá em cima não é nada boa rês. Não podia ver a gata nem pintada porque já mais de uma vez o arranhou. Não me espantava que a vontade dele fosse atirá-la ao rio."

- "Leonardo, quem é que pode ter roubado a chave suplente?" - "Sei lá, a casa tem poucos clientes, mas ontem até passaram por cá pessoas. Eu da Elsa desconfio sempre, mas para que é que ela queria outra chave?"

Garrett já tinha uma forte desconfiança. Qual seria?

A – A Elsa deve ter mentido.

B – O Sr. Lopes deve ter mentido.

C – A Dona Rosa deve ter mentido.

D – Não havendo quaisquer provas concretas, é admissível que o roubo da 5.a chave possa ter sido obra de um cliente desconhecido, para mais tarde poder entrar e roubar a Gioconda.

Policário nº 1197 – Público de 13 de Julho de 2014

SOLUÇÃO

A resposta certa é: B - O Sr. Lopes deve ter mentido.

O problema remete a acção para tempo de castanhas e temporal (Inverno portanto) nos anos em que o Benfica jogou no seu (emprestado pelo Sporting...) Campo Grande, conhecido por "a estância de madeiras", de 1941 até 1953.

A hipótese D fica desde logo eliminada, pois se a chave roubada apareceu em cima do balcão do café e a porta da rua estava fechada com duas voltas, é porque alguém que possuía a sua própria chave a terá fechado por fora. Um dos quatro que tinham chave mentiu e deve ter sido quem levou a gata, ficando desde já posta de parte a hipótese de um ladrão desconhecido, pois entre sábado à tarde e domingo de manhã não teria sido fácil, naquela época, alguém mandar fazer um duplicado da chave roubada. Mas, sendo alguém do prédio, para quê roubar outra chave quem já possuía uma? É o que veremos mais tarde.

A Dona Rosa estará ilibada pelo testemunho da prima e a atitude da Elsa parece sincera. Acontece que os depoimentos são mais ou menos credíveis, à excepção de um. Não parece nada normal que, num dia de temporal desfeito sobre Lisboa com ventos ciclónicos e chuva sem parar, o Sr. Lopes, um homem já velhote e que pouco saía de casa, tenha estado a pescar na doca do Poço do Bispo desde as dez da manhã até perto das três da tarde. Daí que as desconfianças do Inspector Garrett se tenham inclinado para ele. Ainda por cima, com a corrida que terá dado para a porta, mostrou uma preocupação de não se molhar que não joga com a afirmação de ter estado mais de quatro horas à pesca em pleno temporal.

A acreditarmos no que disseram a Elsa e o Leonardo, o roubo deve ter-se dado entre as 11 horas e as duas da tarde. O Lopes, que segundo parece detestava a Gioconda, deve ter aproveitado o facto de ser domingo (dia em que o café estava fechado, Leonardo costumava ir vender castanhas, a Elsa não trabalhava e a Dona Rosa ia normalmente à missa) para proceder à execução sumária do felino. Na véspera à tarde ter-se-á apoderado da chave suplente com a intenção de deitar as culpas para alguém de fora. Estava ali mesmo à mão pendurada na ombreira da porta, qualquer um a tirava, e abandonada no balcão acusaria outro qualquer que não ele, que tinha a sua própria chave. Mas com a atrapalhão de fugir levando ao colo o animal odiado, deve ter-se distraído e fechou a porta com duas voltas, como a encontrou. Se a tivesse deixado no trinco, ainda seria possível desconfiar de um estranho, mas assim não. Em vez da pesca ao robalo, foi a caça à gata, que acabou na caça ao Lopes. E a relação entre os dois homens nunca mais foi a mesma. Mas a verdade é que o Vale Escuro também já não é o mesmo.

Policário nº 1206 – Público de 14 de Setembro de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 7

PARTE I

CRIME NO CENTRO COMERCIAL

Original de PAULO

PARTE II

IDENTIDADE USURPADA

Original de PAULO

CRIME NO CENTRO COMERCIAL

Original de PAULO

Passavam poucos minutos das nove horas quando a polícia foi chamada. Quarenta minutos depois já toda a equipa responsável pela investigação da cena do crime se encontrava no gabinete da vítima, no mais recente e moderno Centro Comercial da cidade.

A zona de gabinetes onde ocorrera o assassinato ficava logo no piso de entrada, ao qual havia que somar dois pisos subterrâneos, dedicados a estacionamento e a áreas técnicas, e dois pisos acima do nível do solo.

Narciso Morais, o veterano inspector, entrou na área reservada aos gabinetes ocupados pelos elementos responsáveis por aquele espaço de comércio. Uma porta dava acesso a esse pequeno átrio, onde à esquerda ficava o gabinete em que fora encontrado o morto, director-geral do Centro Comercial. À direita ficava o gabinete do director de segurança, Francisco Azevedo. Ao fundo, em frente, havia duas portas. À esquerda a do gabinete do director de marketing e publicidade, José Camões, e à direita a que dava acesso ao gabinete do director financeiro, Rui Balboa.

Antes de entrar no gabinete da vítima, Narciso Morais foi informado de que havia uma câmara que filmava a entrada para aquele espaço reservado às quatro salas, e que se estava a fazer o necessário para obter as gravações.

No local do crime havia uma secretária com alguns documentos em cima, uma confortável cadeira atrás, e mais duas em frente, que se destinariam a pessoas com quem a vítima pretendesse falar. Havia ainda um armário com dossiês. Um computador e uma impressora estavam sobre a mesa.

Adérito Pinto jazia no chão com um ferimento na cabeça, que aparentava, e mais tarde se viria a confirmar, ter sido feito por uma arma de fogo, que as análises balísticas determinariam ser de calibre 9 mm. Num bengaleiro estava o casaco de Adérito, onde foram encontrados o seu telemóvel e a chave do gabinete.

O cadáver não sangrara muito, provavelmente porque a morte fora imediata. Uma análise feita no local do crime, nas zonas visíveis do corpo, logo a pós a chegada da polícia, não mostrava sinais de movimento post-mortem do cadáver. A rigidez cadavérica já tomara conta de todo o corpo. A temperatura do aposento rondava os 20 graus e durante a noite não teria descido muito abaixo desse

valor.

Narciso Morais ocupou o gabinete de José Camões, semelhante ao de Adérito, para os primeiros interrogatórios, que lhe permitissem conhecer melhor o ambiente local e os intervenientes.

José Camões disse que na véspera tinha saído por volta das seis e meia. Estivera quase sempre fora do gabinete e não se lembrava de, durante a tarde, se ter cruzado com Adérito. Tinha uma mensagem enviada às seis da manhã a comunicar que ele precisava de lhe falar, de manhã, às nove e meia.

Rui Balboa afirmou que no dia anterior passara pouco tempo no gabinete. Saíra na véspera às cinco horas e tinha entrado nesse dia cerca das nove menos um quarto, uma vez que Adérito lhe mandara um sms, de noite, dizendo-lhe que queria falar com ele às nove horas. A essa hora foi ao gabinete dele. Bateu à porta, como ninguém respondeu, rodou o puxador, a porta abriu e ele viu Adérito no chão. Depois chamou a polícia.

Francisco Azevedo disse que por norma o segurança nocturno não entrava naquela área dos gabinetes. Ele saíra, no dia anterior, eram quase sete horas. Precisara de, um pouco antes de sair, falar com Adérito, mas não o encontrara e a porta do gabinete estava fechada à chave. Também recebera um sms, de madrugada, a marcar um encontro para as dez horas.

Narciso Morais pediu para ver todos os telemóveis, incluindo o da vítima, e o envio e recepção de mensagens estavam de acordo com as declarações. Após o visionamento das imagens da câmara de vigilância foi possível determinar que a vítima entrara na zona dos gabinetes no dia anterior às duas horas e treze minutos e não saíra mais. Rui Balboa saíra na véspera às 17:43 e entrara no dia do crime às 8:47. Francisco Azevedo saíra às 18:55 e José Camões às 18:28. Os dois tinham chegado nessa manhã já após a polícia se encontrar no local. As gravações não mostravam mais ninguém a entrar ou sair daquele espaço.

Narciso Morais circulou pelo Centro Comercial, conseguindo obter mais algumas informações. Adérito ia ser transferido para outro Centro Comercial e iria dar uma sugestão para o seu substituto à administração do grupo económico proprietário do espaço. Rui Balboa e os outros dois directores estavam em conflito. Tinha sido aberto um inquérito interno pois o director financeiro acusara-os de má gestão com consequências graves nas receitas. Francisco e José também estavam incompatibilizados, havendo uma mulher na origem do conflito.

Antes de sair, cerca de treze horas, Narciso Morais ainda passou pelo local do crime. O cadáver preparava-se para ser retirado. Da arma continuava a não existir notícia e ninguém ouvira o disparo.

Deixemos Narciso Morais ir almoçar e pergunte-se: quem acha que poderá ter cometido o crime e porque faz essa afirmação?

Policiário nº 1200 – Público de 3 de Agosto de 2014

SOLUÇÃO

Para se tentar chegar à conclusão de quem terá cometido o crime, há que analisar a questão forense. Entre as 9 e meia e as 13 horas o cadáver atingiu a rigidez cadavérica total.

Existem várias condicionantes para o estabelecimento da rigidez, entre as quais a temperatura. Sobre o gabinete da vítima existe a informação de que a temperatura era de 20º e que durante a noite não terá descido muito. Ou seja, não existem condições climáticas extremas que condicionassem o estabelecimento da rigidez.

Em termos médios a rigidez total nunca se estabelece antes de 12 horas. Como pouco depois das nove e meia da manhã o rigor mortis estava totalmente estabelecido, então:

A - a morte teve que ocorrer no final da tarde do dia anterior ou no início da noite.

Esta hora para o crime coloca a situação dos sms terem sido escritos quando Adérito estava morto, logo:

B – os sms não foram escritos por Adérito.

Perante a conclusão B, apenas resta a hipótese, uma vez que o telemóvel de Adérito foi encontrado junto ao corpo, de que:

C- os sms foram escritos pelo assassino.

Também considerando que após a entrada de Adérito no gabinete, ninguém mais entrou naquela zona reservada a não ser os 3 directores então:

D- só um dos três directores pode ser o assassino.

Outra conclusão importante a retirar das informações recolhidas por Narciso Morais, após verificar os conflitos existentes entre os suspeitos, é a de que:

E – não existe cumplicidade entre os suspeitos e o assassino agiu sozinho.

Da análise das gravações da câmara de filmar, não havendo ninguém nos gabinetes à hora em que as mensagens foram enviadas, também se pode concluir que:

F- quando os sms foram enviados, o telemóvel de Adérito tinha que estar fora do gabinete, na mão do assassino.

Após esta conclusão, e sabendo que Rui Balboa foi o primeiro a entrar no gabinete da vítima e logo depois a polícia:

G-O telemóvel só pode ter sido levado para dentro do gabinete por Rui.

Logo,

H- o crime foi cometido por Rui Balboa.

Chegados à conclusão de quem foi o assassino, pode-se tentar estabelecer uma cronologia dos actos do criminoso, que se enquadre nos factos conhecidos.

1- Antes das cinco horas, aproveitando algum momento em que os seus colegas não se encontravam nos gabinetes, Rui Balboa entrou no gabinete de Adérito e matou-o.

2- A arma deveria ter silenciador para prevenir que fosse ouvida e foi levada por Rui quando abandonou o Centro Comercial.

3- Retirou o telemóvel a Adérito e a chave do escritório, fechando a porta, para que ninguém entrasse e descobrisse o cadáver. Assim se justifica que Francisco tenha encontrado a porta fechada. Não se deve esquecer que não existem condições para uma possível cumplicidade entre os dois.

4- Saiu, por volta das cinco e meia.

5- De madrugada enviou do telemóvel de Adérito as mensagens, de modo a assegurar-se que tinha justificação para ser o primeiro a chegar, abrir a porta e colocar as chaves e o telemóvel no casaco de Adérito.

6- De manhã entrou no gabinete de Adérito e colocou a chave e o telemóvel no casaco dele.

Para terminar este caso de forma satisfatória para a justiça, competia agora a Narciso Morais, após a análise feita que apontava para Rui Balboa como criminoso, diligenciar as buscas e investigações necessárias que permitissem provar que Rui Balboa disparou e pegou no telemóvel de Adérito. Deveria tentar ainda junto da operadora de telemóveis verificar se seria possível detectar de que área geográfica foram enviadas as mensagens e tentar colocar Rui Balboa nessa zona.

Não seria também de excluir a investigação sobre o paradeiro da arma, com buscas à casa de Rui Balboa.

Policário nº 1208 – Público de 28 de Setembro de 2014

IDENTIDADE USURPADA

Original de PAULO

Charles Grimm Andersen, famoso escritor de contos infantis, estava hospedado no hotel La Fontaine. Foi para esse local que eu me desloquei a seu pedido, com a concordância do diretor do hotel, com o objetivo de descobrir quem lhe roubara uma valiosa caneta de ouro incrustada com diamantes.

O autor tinha convocado algumas das suas personagens mais famosas para discutir com elas possíveis sequências das histórias de que eram protagonistas.

De acordo com a investigação que o detetive do hotel, um tal Hércule Dupin, já fizera, haveria quatro suspeitos que eu deveria interrogar e investigar.

Cinderela que, de origens humildes, surgia agora sempre elegantemente vestida, após o casamento com um príncipe, que lhe devolvera o sapato que perdeu num baile mesmo antes da meia-noite. Pinóquio, um estranho homem de madeira que ganhara vida e tentava transformar-se em humano. O Príncipe, apenas conhecido por este nome, que salvara de um sono de 100 anos uma bela princesa que todos conheciam por Bela Adormecida. A princesa Branca de Neve, acompanhada da sua corte de sete anões, que também se alojara no hotel.

Tendo chegado ao hotel pela uma da madrugada e tendo falado com o incompetente Hércule Dupin, incompetente por ainda não ter descoberto o ladrão e necessitar da minha ajuda-, decidi ficar acordado toda a noite, vigiando os quartos dos quatro suspeitos.

Consegui descobrir coisas espantosas, que não surgem nas histórias infantis, mas que estas quatro personagens protagonizaram. O Pinóquio dormiu no quarto da Cinderela e a Branca de Neve passou a noite no quarto do Príncipe.

E andavam estas personagens a dar lições de moral e comportamento às crianças, enquanto se divertiam a trair os seus cônjuges.

Decidi interrogar um de cada vez, questionando-os sobre o que tinham feito na noite anterior, para testar a sua apetência para a mentira, e na tarde em que ocorrera o roubo.

Em relação à noite anterior todos referiram ter estado sozinhos nos seus quartos. No que concerne à tarde do roubo, Cinderela disse ter andado sozinha a visitar sapatarias, claro que todas com sapatos de cristal. Pinóquio contou que passara a tarde no quarto. O Príncipe fora visitar um antiquário,

pretendendo adquirir uma valiosa coleção de agulhas de costura para oferecer à sua Bela, - e eu bem percebia porquê-. Branca de Neve ficara no quarto a conversar com o espelho mágico que a sua madrasta abandonara.

Lindas respostas. Todos uns grandes mentirosos. Mesmo que alguma verdade existisse no que diziam em relação à tarde em que ocorrera o roubo, não sabia como iria fazer para o comprovar. Cada vez estava mais irritado pelo Hercule Dupin não ter resolvido o caso e ter que me chamar a mim para ultrapassar a sua inépcia.

Enquanto me dirigia ao quarto do escritor para o colocar ao corrente da situação, pensava nos rostos impenetráveis e imóveis, sem mexerem um único músculo, a mentirem-me sobre o que se passara na noite anterior e sem revelarem o mínimo deslize que me permitisse dizer que mentiam.

Charles Grimm Andersen revelou-me a sua preocupação. Temia que além daquele roubo mais alguma coisa pudesse acontecer. Suspeitava que um dos seus convidados não fosse quem dizia. Alguns pequenos incidentes pareciam indicar a presença de um estranho no grupo, com identidade falsa, embora ele não conseguisse descobrir quem seria, e poderia ser esse estranho ou estranha quem roubara a caneta. Sabia que as suas personagens andavam a ter problemas de ordem sentimental, mas que isso não as transformava em ladrões. Para roubar, só um estranho ou estranha. Nunca poderia ser uma das suas criações. Alguém se disfarçara da sua verdadeira personagem.

Eu já tinha uma ideia sobre o assunto e expus-lha, concluindo, embora sem provas, que quem tinha a identidade falsa também poderia ter roubado a caneta.

Quem acha que está com a identidade falsa?

A – A Cinderela

B – O Pinóquio

C – O Príncipe

D – A Branca de Neve

Policiário nº 1201 – Público de 10 de Agosto de 2014

SOLUÇÃO

B - O Pinóquio

Podemos tirar duas conclusões:

- 1 - Todos mentem em relação ao que se passou na noite anterior ao interrogatório.
- 2 - Não há elementos para averiguar quem mente em relação ao que se passou na tarde do roubo. Há que analisar, então, o caso do ponto de vista da existência de alguém com falsa identidade.

Considerando que todos mentem, Pinóquio, se fosse o verdadeiro, teria o seu nariz a crescer quando contou onde estivera na noite anterior.

Do relato verifica-se que enquanto narravam os factos da noite anterior, e mentiam, nenhum indício de alteração facial os denunciou.

Logo, não se está perante o verdadeiro Pinóquio, mas perante um falso Pinóquio, com grande possibilidade de ser ele o ladrão.

Falta acrescentar que a inspiração para este problema surgiu da leitura do conto Branca de Neve assassinada, de Francisco Branco, publicado em 1952 no nº 1 de O Gato Preto.

Policário nº 1208 – Público de 28 de Setembro de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 8

PARTE I

O CÚMULO DA VELOCIDADE

Original de VERBATIM

PARTE II

MAGIA COM CAMELOS

Original de VERBATIM

O CÚMULO DA VELOCIDADE

Original de VERBATIM

O Inspector Flávio Alves perguntou ao agente Dias se ele sabia qual era o cúmulo da velocidade e, sem esperar pela resposta, acrescentou: “É um tipo fechar uma gaveta à chave e conseguir guardar a chave lá dentro. Quer dizer, aqui ou houve suicídio ou o homicida saiu do gabinete e conseguiu deixar a chave lá dentro depois de a utilizar para fechar a porta.” Dias riu-se com gosto enquanto metia dados no computador sobre o caso que estavam a tratar.

Naquela manhã, Esteves Jonas, um dos fundadores e sócios da firma “Dreams & Dreams”, produtora de aplicações para telefones e tablets, foi encontrado morto no seu gabinete. A porta fora arrombada por colegas quando verificaram que ele não atendia qualquer alerta ou chamada. Mal entraram perceberam que a situação era grave e que Jonas, possivelmente, se suicidara. Por mútuo entendimento recuaram, sem tocarem em coisa alguma, solicitando a presença urgente de um médico e da polícia.

Flávio Alves pôde concluir, por cruzamento de dados, que a cena da tragédia não fora afectada. Jonas estava caído no soalho com um ferimento no peito, junto ao coração, característico de tiro à queima-roupa. Mesmo ao lado, o costado almofadado de uma cadeira apresentava um rasgo curto, ladeado por restos de sangue e de tecidos orgânicos do morto. Nas costas da vítima notava-se o buraco por onde saíra o projectil. A posição do corpo e os sinais deixados na cadeira levavam a concluir que Jonas estaria sentado quando ocorreu o disparo, tendo caído logo a seguir. Muito perto, e também no chão, via-se uma pistola que, conforme se confirmou, fora a que disparara a bala fatídica, a qual, por seu turno, se encontrava encravada no soalho, mesmo atrás da cadeira, a cerca de um metro de distância desta última. A morte, segundo o médico, teria ocorrido entre as oito e as nove da manhã. Na mesa de trabalho de Esteves Jonas, estava a chave do gabinete, de tipo vulgar, semelhante às que existem nas portas interiores da maioria das casas, mormente as antigas, como era a do presente caso. Dentro do gabinete, cuja janela de segundo andar se encontrava bem fechada, havia mobiliário diverso e muito material de trabalho, algum bastante estranho.

Face a este quadro, o Inspector Flávio Alves colocou, em separado, a cada uma das quatro pessoas presentes no escritório na altura da descoberta do corpo, as seguintes questões: Acha que Jonas dava sinais de se querer suicidar? Como é que soube que ele se encontrava no local de trabalho? A que horas

chegou aqui e a que horas terá Jonas chegado? Jonas tinha o costume de se fechar no gabinete? Sabia que ele tinha lá dentro uma pistola? Ouvia algum disparo?

Dimas Ló, com seis meses de casa, declarou: “Estava a fazer trabalhos para o Sr. Jonas, que era muito exigente. Não sei por que motivo se terá suicidado, embora me parecesse uma pessoa com problemas psicológicos. Cheguei perto das dez e dirigi-me logo para o seu gabinete. Bati á porta e não obtive resposta. Tentei entrar para relatar o que tratara na Tecnicap e verifiquei que ele se fechara. Sabia, como toda a gente, que ele tinha lá uma pistola e fiquei apreensivo. Nessa altura saiu o Sr. Leitão para o corredor e disse-lhe que tínhamos de arrombar a porta do Sr. Jonas. Ele, depois de confirmar que o gabinete estava fechado à chave, ligou o telemóvel, que se ouviu muito fraquinho lá dentro. Concordou então com o arrombamento.”

Samuel Botas, com dois anos de casa, disse: “Jonas era um tipo que amava a vida e não se iria suicidar. Tem, isto é, tinha uma pancada, às vezes genial, mas mais nada. Entrei com ele às oito da manhã. Possuía uma pistola e andava a estudar o som dos disparos. Não me recordo de ouvir qualquer tiro, mas se o tivesse ouvido também não ligaria. Cada um de nós está no seu gabinete, entra e sai quando quer e contacta os outros sobretudo pelos meios digitais. Isso não quer dizer que não nos juntemos para discutir os projectos ou avaliar o trabalho realizado. A exigência é muita. Encontrei o Jonas fechado no gabinete, algumas vezes. Julgo que o fazia para não ser interrompido e, ultimamente, por causa dos disparos.”

Elsa Lavrador, co-fundadora e sócia da firma, fez uma declaração muito semelhante à de Samuel Botas, tendo apenas divergido quanto a dois pontos: afirmou que chegou ao gabinete pelas oito e quarenta e cinco, sem se ter cruzado com qualquer colega, e que Jonas, desde há uns meses, entrara numa fase obsessiva com a segurança das patentes e a pirataria que grassa no meio.

Gomes Leitão, também co-fundador e sócio, afirmou: “Jonas andava muito ansioso e desconfiado, pensando que lhe roubavam ideias. Arranjou uma pistola e passou a fechar-se mais vezes no gabinete, onde chegou a treinar tiro sobre um alvo com sacos de areia atrás. Eram ensaios destinados a um jogo a introduzir numa aplicação e talvez um treino, admito-o eu, para defesa própria. A morte dele é uma grande perda. Não sei se a nossa D&D vai sobreviver. De manhã, quando no rés-do-chão puxei o elevador, ainda ouvi, em cima, as vozes do Jonas e do Botas, no momento em que entravam para o escritório. Aí pelas nove horas comecei a notar que o Jonas não atendia. Às dez saí do gabinete para o procurar, quando encontrei o Ló que, muito aflito, me deu conta da necessidade de arrombar a porta. Verifiquei que o telemóvel tocava lá dentro, o que me confirmou que ele ainda lá estaria. Devo dizer que aqui fechamos os gabinetes quando saímos só para não deixar expostas maquetes sobre as quais

estamos a trabalhar. O importante está guardado em memórias de acesso muito complicado. Ah! De facto pareceu-me ter ouvido um disparo pouco depois das oito e pensei, naturalmente, que era o Jonas a atirar ao alvo.”

Suicídio ou homicídio? Como se terão passado as coisas?

Policário nº 1205 – Público de 7 de Setembro de 2014

SOLUÇÃO

O suicídio de Jonas parece pouco provável porque a bala, encravada no soalho, apenas um metro atrás da cadeira, na qual Jonas estaria sentado quando foi atingido, nos obriga a supor que ele teria apontado a pistola, sobre si, com uma acentuada inclinação em relação ao soalho. Ora, o natural é um suicida apontar a arma segundo um plano um pouco desviado do plano perpendicular ao seu peito, para um lado ou para o outro conforme a mão usada, mas sem inclinação em relação ao soalho ou apenas com uma ligeiríssima inclinação. Portanto, a haver suicídio, a bala teria ido bater mais longe, talvez numa parede, e, também, fora da faixa que se traçasse atrás da cadeira.

Em todo o caso, aquilo que foi observado ajusta-se muito bem a um disparo feito por outrem, de pé, em frente da vítima, com esta sentada na cadeira. É pois lícito começar por explorar a hipótese de crime.

Detectam-se, então, indícios de uma encenação de suicídio: a arma deixada perto do cadáver, como naturalmente despreendida da mão do suicida, e o gabinete fechado, com a respectiva chave na mesa de trabalho, como se apenas a vítima o pudesse ter fechado. Mas, tratando-se de uma encenação e havendo um criminoso, de que modo teria este conseguido fechar a porta pelo lado de fora deixando a chave lá dentro? De uma maneira muito simples: obtendo uma cópia daquela chave vulgar ou utilizando a chave de outro gabinete que funcionasse também na fechadura de Jonas, isto porque, nas casas antigas, como aquela, havia quase sempre pares de fechaduras iguais ou tão semelhantes que funcionavam como iguais.

Estaria o criminoso entre as quatro pessoas interrogadas?

Dimas Ló poderá ter sido o assassino porque, de acordo com a sua declaração:

a) Pediu para arrombar a porta do gabinete de Jonas antes de poder estar certo de ele lá se encontrar, pois tinha acabado de chegar ao escritório, confessando, até, que Gomes Leitão só concordara com o arrombamento depois de ter verificado que o telemóvel de Jonas tocava dentro do gabinete. Note-se que Gomes Leitão dera pela entrada de Jonas às oito horas mas, como era costume as pessoas fecharem os gabinetes quando saíam, não quis deixar de se certificar da possível presença do sócio. Dimas Ló, esquecendo-se de fazer o teste de presença através do telemóvel, mostrou saber que Jonas se encontrava no gabinete quando, em função do que declarou, não estaria em condições sequer para o supor, uma vez que o gabinete fechado e o não atendimento de toques na porta eram sinais de que o respectivo ocupante não se encontrava ali.

b) Denunciou preocupação em sublinhar a hipótese do suicídio ao falar desta como coisa assente, em concordância com os problemas psicológicos que, segundo ele, Jonas aparentava e, também, ao

dizer que ficara apreensivo pelo facto de Jonas poder estar fechado no gabinete com uma pistola. A propósito, convém sublinhar, que nenhuma das outras três pessoas se inclinou para a hipótese do suicídio, mau grado o quadro que tinham observado quando a porta foi arrombada, o qual apontava nesse sentido.

Nada de suspeito se detecta em qualquer dos outros depoimentos. Atente-se a que não é de admirar que Gomes Leitão tenha ouvido as vozes de Jonas e Botas quando estes estavam no segundo andar e ele se encontrava a chamar o elevador no rés-do-chão, porque, nos prédios antigos, as caixas dos elevadores eram muito abertas e situavam-se entre as escadas de acesso interior, permitindo que se distinguíssem vozes entre patamares distando quatro ou cinco andares entre si.

Se Dimas Ló matou Esteves Jonas, como poderão ter acontecido as coisas?

De acordo com o que nos é dado saber podemos supor que Dimas Ló foi para o escritório antes das oito, a hora a que talvez chegassem os mais madrugadores, inclusive Jonas. Vimos que não havia ali serviços de portaria e que cada um entrava e saía livremente. Meteu-se então no gabinete de Jonas, usando um duplicado da chave para abrir e também fechar a porta, calçou umas luvas e munido, muito provavelmente, da arma do próprio Jonas, aguardou a chegada deste. Logo que isso aconteceu, minutos depois das oito, dominou-o sob a ameaça da pistola. Do que terão falado nada sabemos. Por qualquer motivo entendeu liquidar Jonas quando o tinha sentado à sua frente. Terá nessa altura ocorrido o disparo que Gomes Leitão ouviu pouco depois das oito. Esta sequência confere, também, com a hora de falecimento estimada pelo médico. Não sabemos se Dimas Ló roubou alguma coisa. Podemos, no entanto, admitir como muito possível que tenha verificado haver condições para que aquele homicídio passasse por suicídio. Assim, colocou a pistola junto do cadáver e a chave do gabinete, a usada por Jonas, na mesa de trabalho. Guardou as luvas no seu bolso, verificou se havia algum ruído no corredor e, sem sinal de gente nas proximidades, saiu do gabinete, tendo o cuidado de deixar a respectiva porta fechada à chave. Seguiu depois para a rua a fim de se dirigir à Tecnicab, onde, por agendamento anterior, já o esperariam. Ninguém o vira no escritório, salvo a vítima. O álibi era muito bom. Entretanto, desembaraçou-se das luvas e da cópia da chave do gabinete de Jonas (a menos que tivesse utilizado a sua própria chave que, por coincidência, fosse semelhante à de Jonas). Terá feito isto tudo dentro da ideia de que, quando regressasse, lá pelas dez, talvez o suicídio já estivesse sido dado como coisa assente. Isso não aconteceu e a sua ansiedade denunciou-o.

A descrição anterior enquadra-se perfeitamente no que nos foi dado conhecer e o mais certo é ter sido posteriormente confirmada pelos investigadores do caso.

Policário nº 1212 – Público de 26 de Outubro de 2014

MAGIA COM CAMELOS

Original de VERBATIM

Esta é uma história das Arábias relativa a uma herança e a um testamenteiro que ajudou a resolver um caso bicudo.

Hassan, vendo a morte a aproximar-se, tratou de redigir um testamento. Naquele tempo e naqueles sítios, uma pessoa podia distribuir a herança por quem quisesse e o que não fosse distribuído revertia para a tribo. Feito o testamento, Hassan chamou os seus três filhos e o vizinho Omar, que nomeou como testamenteiro e a quem entregou aquele documento, que previamente fechara e selara, com a indicação de que só deveria ser aberto no dia seguinte ao seu falecimento. E este ocorreu poucas semanas depois. Descerrado o testamento, verificou-se que Hassan determinara que o seu património, constituído por 11 camelos praticamente iguais, deveria ser assim dividido: metade para o filho mais velho, um quarto para o do meio e um sexto para o mais novo.

Não sendo possível dividir os onze camelos em conformidade com o estipulado no testamento, sem partir algum camelo aos bocados, os três irmãos procuraram uma saída para a dificuldade mas não a encontraram. Lembraram-se então de recorrer a Omar. Este disse que lhes solucionaria o problema a contento, mas pediu que lhe dessem, como comissão, aquilo que recebessem a mais do que Hassan lhes destinara, convertida em dinheiro essa parte excedente ao valor médio dos camelos no mercado de Medina. Os três irmãos não compreenderam muito bem a sugestão de Omar, mas tendo verificado que nada perderiam, acabaram por aceitar a proposta.

Então Omar foi buscar um dos seus camelos e juntou-o à cáfila deixada por Hassan. Ficaram, portanto, 12 camelos. Depois, entregou seis animais (metade de doze) ao filho mais velho, três animais (um quarto de doze) ao do meio e dois animais (um sexto de doze) ao mais novo. E, como os três irmãos ficaram com onze camelos ($6+3+2=11$), retirou o camelo que trouxera de início e que não fazia parte da herança.

Maravilha! Os irmãos ficaram encantados e logo ali trataram de liquidar as contas com o testamenteiro, uma vez que, com aquele oportuno empréstimo feito por Omar, todos eles receberam um pouco mais do que esperavam. O filho mais velho, por exemplo, que tinha direito a 5,5 camelos, recebeu seis. Não teve, portanto, pejo em pagar metade do valor de um camelo a Omar, honrando o

acordo firmado. Os outros irmãos pagaram também os respectivos excedentes. E tudo acabou na maior das harmonias.

Um primo daqueles três irmãos, entretanto regressado de Meca, depois de ouvir a história, produziu um comentário bem ajustado ao que se passara. Veja se consegue descobri-lo entre os quatro seguintes que nos chegaram:

1 – Omar é um homem muito arguto que conseguiu resolver um problema bicudo de uma maneira inteiramente justa.

2 – O que Omar recebeu como comissão saiu de algo de que os três filhos não podiam dispor.

3 – Omar usou uma técnica matemática utilizada, por vezes, na divisão ponderada de heranças, mas que introduz pequenas distorções.

4 – Omar arranjou maneira de ficar com parte da herança que Hassan destinara aos três filhos sem que estes se sentissem lesados.

Policiário nº 1206 – Público de 14 de Setembro de 2014

SOLUÇÃO

A alínea que se ajusta ao que aconteceu é a 2 - O que Omar recebeu como comissão resultou de algo de que os três filhos não podiam dispor.

Primeiro do que tudo temos de nos interrogar sobre o aspecto mágico da divisão dos camelos entre os três irmãos. Como é que cada um deles pôde vir a receber um pouco mais do que lhe competia? O mais velho tinha direito a metade dos 11 camelos ($11:2 = 5,5$), o do meio a um quarto ($11:4 = 2,75$) e o mais novo a um sexto ($11:6 = 1,83$) e, no entanto, receberam, respectivamente, $6+3+2 = 11$ camelos.

Pois é, o gato está no facto de Hassan não ter distribuído toda a sua herança pelos três filhos. Deixou uma pequena fracção por atribuir. Basta ver que a soma de um meio com um quarto e um sexto não chega a um, dando $11/12 = 0,92$. Havia, portanto, uma parte da herança ($1/12$ dos 11 camelos = $0,92$ de um camelo) que tinha de ser entregue à tribo, conforme o que por ali estava estipulado. Essa pequena fracção foi habilmente dividida por Omar entre os irmãos, para lhes dar a ilusão de que podiam dispor dela para a entregarem, sob a forma de dinheiro, como comissão do serviço que ele lhes prestara e que previamente com eles acordara.

Vê-se, portanto, que os três irmãos entregaram a Omar algo de que não podiam dispor, devido ao facto de os chamados excedentes sobre aquilo que esperavam ($0,5+0,25+ 0,17 = 0,92$ de um camelo) pertencer à tribo e não a eles.

A alínea 4 não pode ser considerada correcta porque Omar não arranjou maneira de ficar com uma parte da herança que Hassan destinara aos filhos. Ele arranjou maneira, isso sim, de ficar com a parte da herança que era devida à tribo, obtendo para o efeito a concordância dos três filhos que julgaram ter-lhe entregue algo que só a eles pertencia.

Consta que Omar, alguns anos depois, veio a ser banqueiro em Córdoba, mas não é de crer que uma pessoa como ele possa alguma vez ter sido banqueiro.

Policiário nº 1215 – Público de 16 de Novembro de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 9

PARTE I

AS ÁRVORES DAS PATACAS

Original de PONTO PT

PARTE II

CHAMAVA-SE TOTÓ...

Original de JOGADOR SANTOS

AS ÁRVORES DAS PATACAS

Original de PONTO PT

Há muitos, muitos anos, referia a memória de ouvir contar histórias de arrepiar, também de grande mistério, de viagens enormes, durando meses, por barco, rumo à terra das chamadas “árvores das patacas”.

Nesses tempos, a miséria empurrava para o mar e era lá num longínquo fim do mundo que ficava a riqueza para alguns, claro está, e mais miséria para muitos outros.

Para os primeiros, mais tarde ou mais cedo, era tempo de regresso às origens, ostentando o sucesso.

Para os segundos, era uma viagem sem regresso, muitas vezes fazendo-se “perdidos” e nunca achados, porque acrescentar miséria à miséria não era opção, numa altura em que eram apontados casos de riqueza extrema e sucesso miraculoso, sem se procurar saber a que preço...

Outros tempos...

Mais tarde houve a paga, o sentido inverso com milhares a desembarcarem em busca de melhor vida e trabalho, numa época de melhores comunicações e em que o “desaparecimento” já era mais complicado e difícil. Houve histórias de sucesso e de completo insucesso, mas já com mecanismos de apoio para quem queria regressar à sua terra de origem. Não havia “árvores das patacas”, mas havia trabalho e havendo trabalho, havia dinheiro, e havendo algum dinheiro, mesmo que não fosse muito, como era para viver numa terra onde pouco havia, muito parecia...

E os movimentos passaram a ser em ambos os sentidos. Uns iam, outros vinham, em fluxos diferentes, pois então, que os ciclos também se diferenciavam.

Péricles Anacleto era um desses viajantes, que tinha como objectivo fazer fortuna, pelo que, dando corpo ao ditado “ano novo, vida nova”, partiu logo depois das Festas, também com a missão de cumprir três sonhos que não eram seus, mas que assumiu no leito da morte de alguém que muito amava e respeitava.

O primeiro era uma espécie de romagem que estava obrigado a fazer a Viseu, uma cidade que, ao que parecia, representava muito nas origens ou nos destinos dessa pessoa; o segundo era outra viagem, outra busca de memórias ou de rumos, em Santarém, certamente um lugar querido para quem não conseguiu completar todo o caminho; o terceiro e derradeiro desafio, era certamente um dever ditado

por coração moribundo e traçava Belém como destino final.

Não precisava de percorrer os caminhos tenebrosos que outros percorreram, não precisava de andar dias e dias em alto mar, desafiando intempéries, em navios mal equipados, sem condições de segurança ou comodidades. A promessa era só de ir a esses lugares, nada mais, olhando pelos seus olhos as paisagens que os outros olhos já não poderiam ver. Os aviões cobririam as maiores distâncias muito rapidamente, os hotéis dariam as comodidades necessárias e suficientes e toda a promessa ficaria facilmente cumprida.

E assim aconteceu!

Bem, aconteceu alguma coisa, mas não o que Anacleto previu que acontecesse!

É que, tal como depois contou, uma vez chegado ao aeroporto procurou um táxi que o levasse ao hotel que reservara, mas houve contratemplos, o taxista era, afinal, um criminoso que roubara a viatura e que acabou por sequestrar o nosso Péricles, exigindo muito dinheiro pelo resgate.

O Péricles desapareceu literalmente e nem a polícia nem os familiares, alertados pelo hotel da não chegada ao seu destino, conseguiram encontrar justificação para o desaparecimento.

Só quando chegou o pedido de resgate ficaram a saber do sequestro, mas já era tarde! O Anacleto conseguira fugir ao seu carcereiro e chegou à polícia quase ao mesmo tempo da chegada do pedido à família!

Contou que esteve prisioneiro numa barraca sem condições, que passou fome, mas que acabou por conseguir fugir num momento de menor vigilância e escapara de ser apanhado por ter conseguido esconder-se durante horas na folhagem de uma frondosa figueira que, embora tivesse o tronco do outro lado da vedação, deitava a copa para o jardim onde estava sequestrado. Contou que, bem dissimulado, assistiu ao desespero do falso taxista, à sua procura, mas que este nunca suspeitou onde ele estava escondido.

Quando ele se pôs em fuga, desceu da árvore e procurou ajuda.

A coragem do Péricles não foi assim tanta, porque logo apanhou um avião de volta a casa, deixando por cumprir a promessa feita e nem sequer equacionou regressar quando foi avisado que o sequestrador foi apanhado pela polícia e confessou tudo.

Houve quem acreditasse na sua história e houve quem o chamasse mentiroso.

E o leitor?

Diga-nos o que pensa deste caso e não se esqueça de justificar todas as suas opções.

Policário nº 1210 – Público de 12 de Outubro de 2014

SOLUÇÃO

A primeira conclusão a tirar, confirmada pelo próprio título do problema que se refere às “árvores das patacas”, é que a acção decorre no Brasil e, portanto, o Péricles Anacleto viveu as suas aventuras em Terras de Vera Cruz.

As “árvores das patacas” eram assim chamadas porque os emigrantes de outras épocas, ao regressarem a Portugal, traziam imensas fortunas, dizendo o povo que no Brasil as patacas cresciam nas árvores e era só abaná-las, para caírem. A pataca era uma moeda de prata que valia 320 réis. É claro que a esmagadora maioria dos emigrantes jamais regressava para contar como era, por lá ficando, por lá criando raízes, por lá morrendo, a maior parte das vezes na miséria...

A missão de Péricles Anacleto era a de visitar Viseu, Santarém e Belém, no cumprimento de uma promessa, o que parece ser despropositado, viajando para o Brasil, mas a verdade é que essas três cidades existem mesmo no Brasil, o que não acontece em Portugal, onde só existem duas delas: Viseu e Santarém.

Belém é apenas um bairro da cidade de Lisboa e não seria tratado no mesmo pé de igualdade com cidades. Ninguém diria “vou visitar Londres, Paris e Mouraria”, por exemplo.

Chegamos, pois, à confirmação de que o rumo de Anacleto é o Brasil, partindo de Portugal.

Uma vez que Péricles Anacleto partiu logo depois das “Festas”, dando corpo ao ditado “ano novo, vida nova”, terá largado o país em Janeiro, em pleno inverno, chegando ao Brasil, como é óbvio, em pleno verão, já que está no hemisfério contrário.

Isso está de acordo com a descrição que faz de uma copa frondosa de uma figueira, onde se terá escondido dos olhos do raptor, já que é uma árvore de folha caduca e portanto estaria bem composta de folhas no verão e completamente despida no inverno.

Provavelmente nunca saberemos se Péricles era um mentiroso ou não, mas a sua história tem tudo para ser verdadeira. O comportamento dele indica claramente que não é dado a gabarolices ou relatos de grandes feitos heróicos, ao reconhecer que esteve escondido na copa da figueira, quando podia inventar grandes feitos, o que faz pressupor que não é pessoa para rasgos de coragem ou valentia, tendo regressado de imediato e não se propondo ir cumprir o que teria prometido.

A assunção da sua pouca coragem para regressar ao local da acção, encaixa perfeitamente numa certa modéstia, que demonstra.

Policiário nº 1216 – Público de 23 de Novembro de 2014

CHAMAVA-SE TOTÓ...

Original de JOGADOR SANTOS

Olá.

Chamo-me Totó. Não se riam porque esse nome é mesmo o meu, foi-me posto pelo meu pai e ele teve as suas razões, certamente muito válidas.

Nasci em Lisboa e o meu pai era e ainda é um apaixonado por tudo o que seja jogo, tem tabelas e lógicas para apostar aqui e ali e nunca falha um bom desafio. Para tudo ser perfeito para ele, vi a luz do dia, exactamente no mesmo dia em que o jogo baseado nos resultados de futebol, viram essa mesma luz. Daí ao nome, foi um pequeno passo!

Mas houve mais, para mal dos meus pecados, os primeiros anos da minha existência foram marcados por apresentar um aspecto bem rotundo, assemelhando-me a uma bolinha, que só ajudava ao ambiente trocista em que fui obrigado a viver.

Mas voltando há minha primeira aparição nesta terra, o meu pai como bom apostador, como já referi, não deixou passar a oportunidade de tentar a sua sorte, como depois foi sempre fazendo, com este e com todos os outros jogos que se seguiram e sempre se gaba, quando o assunto é jogo, que em todas as primeiras edições de qualquer dos jogos legais que em Portugal apareceram, sempre ganhou prémios! E isso era a demonstração da sua enorme qualidade como apostador!

Na verdade, ninguém se recordava se tal sorte era mesmo verdadeira, mas se fosse realmente assim, também era certo que nunca ganhara grande coisa, grandes prémios, bem pelo contrário, que a nossa vida jamais foi desafogada e a minha mãe muitas vezes amaldiçoava o jogo como responsável por muitas das dificuldades sentidas.

O meu pai era, naqueles anos em que o recorde na fase da minha infância, uma pessoa com quem se podia brincar, a minha mãe chamava-lhe irresponsável, mas para mim era um camarada brincalhão, sempre com uma piada, uma paródia, uma anedota...

Benfiquista até ao tutano, cedo me tentou aliciar para o clube da águia, mas nós, miúdos, não conseguimos seguir a lógica dos adultos e... acabei dragão!

Mas dele nunca recebi qualquer crítica ou remoque sobre a minha opção juvenil, que se arrastou até hoje e certamente continuará até ao fim. Dizia ele que era normal que os miúdos se apaixonassem pelos

perdedores, que nessa época lá para os lados do Douro não se festejavam títulos. Mas para mim a explicação era outra, um dragão era muito mais apelativo do imaginário que uma simples águia...

Dizia ele, com o seu melhor sorriso malandro:

– Sabes, quando nasceste, naquele dia mesmo, tive um prémio razoável no jogo e por isso te dei o nome que tens. Não foi um grande prémio mas como acertei todos os outros jogos, podia ser muito maior se não fosse o meu benfiquismo...

– Puseste o Benfica a ganhar e ele não ganhou, foi?

– Não, claro que o pus a ganhar e ele ganhou mesmo.

– Então foi o Sporting ou o Porto que não puseste a ganhar?

– Foi, pus os dois a perderem, como bom benfiquista que sempre fui! Mas como nasceste tu, fui amplamente recompensado! Já tinha esgotado a minha dose de sorte desse dia e claro que não te trocava pelo prémio maior, pelo 13, nem que ganhasse sozinho...

Sorriu com o seu melhor sorriso malandro e nesse momento, quase acreditei plenamente nele!

A – O prémio do jogo terá sido razoável, como ele diz;

B – O prémio do jogo terá sido bem maior do que ele diz;

C – O prémio terá sido mais pequeno do que ele diz;

D – Não terá havido prémio do jogo para ele.

Policário nº 1211 – Público de 19 de Outubro de 2014

SOLUÇÃO

A hipótese correcta é a D – Não terá havido prémio do jogo para ele.

Praticamente tudo no problema está correcto no que diz respeito aos jogos de futebol, o Benfica ganhou, o Sporting e o Porto, que o pai pôs a perderem, não perderam, mas empataram e por isso falhou ambos.

Como na altura eram 13 os jogos que compunham a chave, o pai apenas acertou 11 deles.

Só muito mais tarde, anos depois, foi criado um prémio para quem acertasse 11 resultados, mas na altura não havia. Quando o totobola começou e durante muitos anos, havia um primeiro prémio para quem acertasse os 13 resultados e um segundo para quem falhasse um prognóstico e acertasse os restantes 12.

Policiário nº 1216 – Público de 23 de Novembro de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

PROVA Nº 10

PARTE I

O ASSASSINATO DE MAMÃ D. FLORIPES

Original de M. CONSTANTINO

PARTE II

A CULPA É DA MAÇÃ

Original de M. CONSTANTINO

O ASSASSINATO DE MAMÃ D. FLORIPES

Original de M. CONSTANTINO

Coube a R.R. (Rui Rapidinho), Inspector da Judiciária, em Lisboa, a investigação do assassinato no “Edifício Azul”, um prédio construído de raiz nos finais de 1970, como centro comercial, o vulgar “shopping” de hoje, que não resultou e foi posteriormente adaptado a apartamentos de habitação dimensionados, com meia dúzia de lojas no r/ch, sem acesso ao interior. Deslocou-se ao largo dos Milagres, situação do edifício; a mesma zona pouco movimentada de outrora, as mesmas árvores – o cenário da sua infância. Parou atrás do carro patrulha, identificou-se e entrou: à esquerda o cubículo do porteiro, à direita, ao fundo, uma janela-porta de vidro, gradeada, espalhava luz. Foi levado para a primeira habitação, em frente e à porta da qual esperavam duas mulheres e o polícia que a vedara com uma fita. Passou por debaixo enquanto registava a hora (15.40), para ter uma surpresa: a assassinada era a mamã D. Floripes, sua conhecida. Fora estrangulada com um lenço, talvez o caído no ombro. O cofre na parede, que se adivinhava oculto sob um quadro surrealista, estava aberto, sem qualquer jóia ou dinheiro. Uma velha carteira, sem uma única moeda, fora atirada para o chão. Assassinato e roubo – pensou. “A vítima que apresentava cerca de sessenta anos bem cuidados, recordou-lhe a esbelta viúva endinheirada. Conheceu um caixeiro-viajante, viúvo com um filho menor, que aceitou como se fosse seu. Este, Rod (Rodrigo Rodrigues) começou por lhe chamar D. Floripes, depois mamã D. Floripes; não era bom aluno, trazia sempre dinheiro e aproximou-se dele, R.R., porque lhe fazia os trabalhos de casa. Lembra que aguardava no largo enquanto o condiscípulo usava a sua técnica secreta para entrar no edifício e em casa assaltar o frigorífico e os pastéis de nata. Anos depois a senhora descobriu que o namorado tinha outra amante no Porto. Despachou-o em grande e Rod acompanhou o vingativo pai. O rapaz, ainda assim, quando precisava de dinheiro, conseguia chegar a Lisboa e levar algum da bondosa senhora. Cresceu sem interesse pelos estudos e trabalho, fascinado pela noite”. Sem mexer no corpo, sempre de luvas e sapatos protegidos, observou a fechadura da porta arrombada, cerrada com duas voltas de trinco e procurou uma chave, encontrando três exemplares na caixa do correio, que preparou para análise laboratorial. Entretanto chegou o parceiro de equipa com o legista e os homens do laboratório que fotografavam tudo, procuravam impressões digitais e indícios, examinando e discutindo. O telefone soou. R.R. hesitou e acabou por atender: - É da casa da D. Floripes? Pode passar-

lhe o auscultador?

- De momento a senhora não pode atender. Quer deixar recado?

- Sim, diga à mamã que cheguei à noite. Tive uma avaria no carro e estou em Santarém, na zona industrial.

Desligou sem se identificar, contudo reconheceu a voz. Arrependeu-se de ocultar a morte da mamã, memorizou telefonar à polícia de Santarém para encontrar a oficina e dar a notícia. Depois de anotar o número de telefone, optou por ouvir as mulheres que aguardavam à porta.

Foi Marta, a vizinha e amiga da vítima, quem dera o alerta. Vira Flor, cerca das 9, à porta, a despedir-se do empregado dos telefones e combinaram a usual saída às 15 horas. Flor era de hábitos constantes. Levantava-se cedo, às 8 fazia uma refeição de cereais e fruta. Íamos ao Largo andar duas horas, ouvia o programa “Você na TV”, fechava a televisão e almoçava. Hoje fiquei admirada de continuar a ouvir o televisor, mas só me assustei quando bati à porta e não obtive resposta. Insisti e acabei por pedir auxílio à esposa do porteiro, que arrombou a porta com uma tranca. Não mexemos em nada, saímos logo que vimos a tragédia. Sim, acho que teria muito dinheiro em casa e jóias, o falecido foi empreiteiro das obras do edifício e comprou a sua casa e maia dúzia de outras habitações. Não conheço inimigos, a não ser, talvez, o Pedro do 1.º andar que namorava com ela e foi “corrido” recentemente, acusou-o de ser um “gigôlo” e tirou-lhe a chave da casa mesmo à minha frente. Desde então tem feito um cerco a bater-lhe à porta e a telefonar noite e dia... ela decidiu mudar o número do telefone. A esposa do porteiro fez o que lhe pareceu melhor, arrombar a porta, não se lembrou dos bombeiros mas chamou a polícia logo que descobriram o corpo. O porteiro, com as mãos entapadas por se ter queimado no fogão, deu entrada a Pedro, vindo da noitada, no momento em que D. Floripes estava à porta a despedir-se do operador dos telefones e trocou breves palavras com a vizinha. Apenas saiu do seu posto (só o deixa depois de todos os habitantes estarem em casa) para atender duas chamadas na cabine do salão, sem que ninguém respondesse. Registou 11.10 e 11.30 horas. Não entrou ou saiu alguém estranho. Deu-lhe o número do apartamento de Pedro e R.R., antes de subir entrou na cabine, relíquia do passado, fixada a cerca de 15 metros da janela da vítima e da porta de Marta, no amplo salão de exposições, com a grande porta-janela idêntica à já descrita.

Claro que Pedro, tonto de sono, não tinha álibi e pouco adiantou.

De volta à sede da PJ, fez várias diligências e iniciou um relatório.

No afã, acabou por não telefonar a Rod depois que a polícia de Santarém localizou a oficina para onde foi rebocado o automóvel desde o “Pingo Doce”, pouco antes das 13 horas. Contudo, na manhã seguinte soube que ele falara com o porteiro e comunicara com a Judiciária para falar com o

investigador, o que foi recusado. Pelo dia adiante foi informado pelo centro telefónico que do telefone no local do crime passaram 3 chamadas: 2 entre a telefónica e o operador, outra proveniente de um telemóvel detectado em Santarém. “As duas chamadas para o número da cabine são as únicas de um telemóvel sem identificação, segundo a operadora, com o n.º Y, não detectável por ter sido destruído o cartão SIM após o último contacto”.

A autópsia foi conclusiva: “sulco horizontal em volta do pescoço, língua entre as arcadas dentárias, lesões internas com fractura do aparelho laríngeo, confirmaram estrangulamento; a digestão dos alimentos parou sensivelmente 3 horas após a ingestão.”

“O laboratório encontrou partículas de unhas no lenço; impressões digitais em geral são da vítima; no telefone do operador telefónico; as chaves contém vestígios digitais dó da vítima, uma, outra daquela e de Pedro, a última foi limpa.”

Rapidinho pôs de parte os relatórios e entregou-se ao raciocínio: se não tinha dúvidas “quem”, ainda se interrogava “como”, se bem que já tivesse uma teoria.

Desafio ao leitor: O Rapidinho parece já saber quase tudo, mas não tudo!

Compete aos nossos “detectives” juntar todas as pontas e elaborarem os relatórios que ele pôs de parte.

Policiário nº 1213 – Público de 2 de Novembro de 2014

SOLUÇÃO

Marta, a vizinha do lado e amiga da assassinada, fez um depoimento esclarecedor, ainda que, com ele, atendendo ao facto do culpado ou culpada ser pessoa conhecida, ela própria e Pedro serem os principais suspeitos... mas algo (que neste momento o nosso inteligente investigador não relacionou) surgiu e seria a flecha apontada directamente ao assassino.

Assim, continuou as diligências e, foi só quando compilava os elementos para o relatório, ao estudar as informações dos telefonemas, que o indício revelador lhe atravessou o cérebro com uma força avassalante: a mudança do número de telefone, para evitar as impertinências de Pedro, tinha sido efectuada nessa manhã, pouco antes das 9 horas, só o operador (que não cabe na categoria dos que conheciam a existência do cofre, para mais inocentado pelo porteiro que atesta não ter entrado ninguém estranho), sabia o novo número do telefone, que a vítima não divulgou nem usou, excepto Rod, que o copiou quando esteve presente, telefonando de Santarém. Ele, de facto, não sabia que o número fora mudado antes de lá estar, logo... tiro no pé! Foi encontrado o “quem”. Falta encontrar o “como”, não como cometeu o crime num compartimento fechado, este facto é irrelevante pois o criminoso fechou a porta à chave e deixou esta na caixa do correio para retardar a descoberta do corpo. Interessa conhecer como entrou no edifício, à revelia do porteiro.

O leitor não desconhece que o miúdo Rod tinha uma técnica secreta de entrar do edifício e em casa para assaltar o frigorífico. Veja-se o enigma: porque foi chamado o porteiro duas vezes à cabine? Antes Rod fazia o mesmo, tinha sempre dinheiro, usava o telefone de uma loja para o efeito e depois o de casa. Agora procedeu do mesmo modo, usou o telemóvel ligando o número da cabine, o porteiro levantou-se e foi atender sem resposta, entretanto abria a porta da rua cuja chave guardava sempre e a da casa, excedeu-se na ganância e acabou por matar, depois voltou a ligar chamando o porteiro ao telefone da cabine, esperou para este atender e desligar, destruiu o cartão “SIM” para não ser detectado, talvez deitando-o na sanita e saiu. “Perfeito como nos filmes”!

É conclusivo que estamos em presença de um crime premeditado. Sai do Porto em automóvel, usando estradas secundárias para evitar qualquer tipo de identificação na auto-estrada em direcção a Lisboa. Entra, pratica o crime, tira o número do telemóvel para poder falar com alguém de Santarém, para onde se dirigiu e propositadamente avaria o veículo para poder ter um álibi. ~E rebocado às 13 – álibi confirmado. Telefona entre as 15,40 e as 16 horas – continua o álibi...

Depois que tem o veículo em condições dirige-se a Lisboa, ao Edifício Azul, para se mostrar pesaroso, com certeza. O criminoso volta sempre ao local do crime!

Nota esperada: Qual foi a mentira? RR declara que estava em cima da árvore para tirar os ovos de um ninho de calhandra (mais conhecida entre nós por cotovia) Ora, a calhandra não faz o ninho nas árvores, mas no chão, geralmente no restolho das searas, seu ambiente.

Poliário nº 1219 – Público de 14 de Dezembro de 2014

A CULPA É DA MAÇÃ

Original de M. CONSTANTINO

Eva, a bíblica mãe de todas as mulheres do planeta Terra, ao convencer o frouxo e imprevidente Adão a compartilhar consigo a maçã da árvore proibida, não só sepultou a inocência humana como originou a perda do único paraíso terreal. Daí, provado o deleitoso sabor da “fruta”, jamais parou... pais, seus filhos, filhos dos filhos... enquanto o gasto e “chifrudo” Adão, a braços com a falta de uma costela, mirrado pela artrite imposta pelos anos, esconde as exaustas vergonhas com uma parra, ela serpenteava, nua de corpo e de pudor...

Milénios sucedem-se a milénios. Ao longo de muitas vidas, gerações de gerações, Adões e Evas acusam a mesma demanda...

E a culpa é da maçã!

Entre o bem, o mau, o execrável, vive-se da “fruta”, mata-se e morre-se pela “fruta”. Um anelo tentante alicia milhões de Evas. Entretanto, aparece sempre um Adão com jeito especial para lidar com o ardil da serpente, o feitiço de engodo...

Muitas Evas, menos cuidadas, ovelhas tresmalhadas aos olhos do lobo mau – de preferência as mais abonadas – nutriam-lhe a voracidade.

Viera de longe, Nada o ligava à remota paisagem. Ao longo de muitas vidas criadas, correspondentes a outros horizontes, deixava um rol avantajado de Evas endinheiradas, adúlteras reduzidas à penúria pela chantagem, suicídios estranhos, desaparecimentos misteriosos sem explicação. Não receava os maridos, irmãos ou familiares, certo que estes temiam pela sua reputação, já que as investigações policiais raramente lhe passavam perto.

Dizia-se Alberto du Buiãs, de ascendência francesa, menos de quarenta anos de idade, esbelto e atraente, olhos azuis (no presente), moreno de dentes brancos e sorriso demolidor.

Frequentava o casino local, onde se fazia notar pela indiferença pelas perdas, ressarcidos os ganhos resultantes do conhecimento e companhia de belíssimas mulheres. Parece não ter tido dificuldades em se introduzir no clube desportivo da “alta-roda”, mercê da descontraída posição social – o título de barão – e a atraente audácia. Ali se tornou conhecido e companheiro assíduo de Glória e Dina, duas amigas de infância, frequentaram a mesma escola particular e moravam na mesma rua da zona elegante da cidade.

As raparigas estavam encantadas, apaixonadas, todavia nunca discutiam entre si as suas intimidades e emoções.

Glória, de 26 anos, loura, delgada de cintura e seios proeminentes, ousados, divorciada recente, recebia uma grossa mesada e adquirira 4 milhões, de indemnização, para calar o escândalo de ter encontrado o ex-marido, político influente, na cama, com uma colegial de 14 anos.

Dina, mais alta que a amiga, igualmente esbelta, belíssima morena de 29 anos, viúva de um industrial vítima de uma competição automóvel, herdara um negócio orçado em quinze milhões, a par de acções, obrigações e títulos vários, valiosos.

Não tinham filhos ou outros familiares, excepto um vago irmão desta última, de paradeiro desconhecido.

Ambas desportivas; para além do treino de manutenção, Glória era uma excelente atiradora com qualquer arma, Dina destacava-se na luta e defesa pessoal.

Tudo isto era do conhecimento do “barão” que, racionalmente, cortejava ambas, sem se decidir. Inesperadamente, nos primeiros dias da semana, Glória não aparecera no seu clube, o seu veículo desportivo foi assinalado na cidade vizinha. Quando voltou deu-se o contrário, foi Dina que não apareceu. Ninguém, nem elas, comentaram o significado das ausências. Tudo voltou à normalidade.

Alberto comprou duas lindas salvas de prata iguais. Levou uma a Dina; deixou-a sobre a mesa da sala com uma pirâmide de maçãs, que ele próprio compôs. Procedeu de igual modo com Glória. Sabia que apreciavam. Nessa tarde, Dina visitou a amiga e, feliz, contou que ela e Alberto aguardavam um navio de cruzeiro para partirem numa volta ao mundo e casariam a bordo. Não esperava a reacção de Glória:

- Oh, não! Isso é impossível! Não pode ser... negocieei... fiz um acordo... vou ficar sem nada... prefiro morrer!

Apanhou uma arma da estante. Dina viu o dedo puxar o cão e a trava de segurança; a arma dirigir-se para o peito, saltou levando a mão para o alto. A arma caiu no chão e disparou-se, atingindo Glória. Foi este o depoimento que telefonicamente prestou à judiciária e ficou gravado. Telefonou a Alberto.

Quando este ainda estava à porta tentando acalmá-la, chegaram os inspectores Mateus e Elias. Entraram na sala. Este começou por fotografar tudo, enquanto Mateus se debruçava sobre o corpo estendido no chão, meio de lado. Notou o buraco de entrada da bala um pouco acima do mamilo esquerdo e o de saída no lado oposto, onde caíra sobre um ligeiro charco de sangue. A arma, perto dos pés, foi levantada com um lápis delgado enfiado no cano, depois de desenhado o contorno no chão; viu que estava carregada e voltou a colocá-la no lugar. Foi junto à estante, perto onde se encontravam armas de todas as espécies, entre as de duelo e defesa pessoal, todas carregadas e com gatilhos muito

sensíveis, próprios de um atirador experiente. Ouviu o depoimento de Dina, que coincidiu com o registado na Polícia, enquanto Alberto, parecendo mostrar forte emoção, sentou-se tapando os olhos com as mãos. Dina andava de um lado para o outro, como atordoada. Ao passar pela pirâmide de maçãs em cima da mesa, pegou na de cima e lamentou:

- Querida amiga, nem provou as maçãs de Alberto...

Mordeu a maçã e começou a comê-la... de repente soltou um grito estridente, levou a mão à garganta, a respiração tornou-se estertorosa, deu um passo e caiu com convulsões intensas. Alberto ouviu o grito, viu o pequeno pedaço de maçã na mão da moça e gritou:

- Engasgou-se... engasgou-se!

Correu para ajudar mas Mateus adiantou-se; conseguiu abrir a boca de Dina, mas não viu o pedaço de maçã e sentiu o cheiro de amêndoas amargas. O rosto da vítima tornou-se violáceo... deu um suspiro profundo... o último. Procurou sinais de vida, não os encontrou.

- Está morta! Anunciou.

- A culpa foi da maçã!... Fiquei sem uma boa amiga e agora, sem a minha noiva! Tenho que sair daqui, preciso de ar! Posso sair, inspector?

- Não, não pode. Precisamos do seu depoimento. E acrescentou, pegando no telemóvel: E a porra do médico legista que não chega! Deve estar a jogar às cartas com os do laboratório...

É a vez dos leitores. Face ao exposto, quais as conclusões a tirar?

1 – Um homicida?

2 – Dois homicidas?

3 – Um suicídio?

4 – Dois acidentes?

Policiário nº 1214 – Público de 9 de Novembro de 2014

SOLUÇÃO

Se optou por escolher a segunda hipótese, acertou!

Com efeito, à pergunta sobre se foi um suicídio (opção 3), a resposta envolve duas negativas, quer em relação à Glória quer à Dina.

No caso da primeira, se a arma se disparou ao cair no chão, como testemunhou Dina, a bala teria entrado de baixo para cima e muito certo teria atingido o seio pela parte de baixo, considerando a proeminência ousada e não por cima do mamilo. De resto ao referir-se no texto que a bala saiu do lado oposto, já se aproxima da direção (ainda que grosseiramente) do disparo;

No que diz respeito à hipótese de suicídio de Dina, não só lhe falta uma motivação, já que ela se sentia feliz pela proximidade da viagem e casamento com Alberto, como desconhecia que a maçã estava envenenada, pois conhecendo-se o carácter do “barão”, não é crível que a informasse da armadilha preparada para Glória, se bem que cometesse o erro de confiar que, como de costume, não comentassem entre si as intimidades e emoções.

Temos matéria suficiente para excluir os acidentes (opção 4), se bem que no caso da morte de Dina poderia taxar-se de acidente (acidentalmente comeu a maçã que não lhe era destinada) se não resultasse antes de um homicídio involuntário (a maçã fora colocada com intenções de matar), nada satisfatório para o autor, pois assim viu-se privado dos milhões da noiva. O facto de não impedir que Dina comesse a maçã resulta da circunstância de estar, no momento, sentado com os olhos tapados pelas mãos e só reagiu ao ouvir o grito estridente, no entanto replicou imediatamente com o engasgamento ou engasgo.

Ficamos, assim, com as duas hipóteses de homicídio: Um homicida? (opção 1); Dois homicidas? (opção 2); Porque não dois homicídios simples, já que o são? Porque temos dois homicidas, para dois homicídios, visto que estes foram praticados por dois personagens diferentes. O primeiro por Dina na pessoa de Glória, em circunstâncias que só ela poderia esclarecer devidamente, mas que se presume terem ocorrido na disputa pelo amor de Alberto. Fica-se sem saber se foi Dina ou Glória que foi buscar a arma, mas tudo indica que foi disparada por Dina, a distância bastante para não deixar vestígios de pólvora no corpo da vítima, mas não tão distante que a bala atingisse velocidade para atravessar o corpo e ir cair longe. Os homens do laboratório certamente irão às mãos de Dina para encontrar vestígios de pólvora do disparo.

Já a morte de Dina, ainda que involuntária, isto é, na pessoa errada, não deixa de ser premeditada. Pelas palavras de Glória, transmitidas por Dina, deduz-se que Alberto depois de “limpar-lhe” o pecúlio

através de um negócio e talvez promessa de casamento, tenha concebido fazê-lo igualmente em relação aos milhões de Dina, objectivo principal. Glória seria o aperitivo, Dina o manjar principal. Preparou a maçã envenenada destinada a Glória, o que lhe permitia esconder a “limpeza” e partir com Dina em cruzeiro, com tempo bastante para controlar os milhões antes de um acidente ou desaparecimento. O cheiro a amêndoas amargas e toda a sintomatologia da morte de Dina indicou envenenamento por ácido cianídrico contido na maçã (provavelmente diluído e injectado em dose forte).

Um presente envenenado na palavra e no facto.

Policiário nº 1219 – Público de 14 de Dezembro de 2014

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2014

CLASSIFICAÇÕES

DECIFRAÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL

1º MISTER H	(CAMPEÃO NACIONAL)
2º VERBATIM	
3º PAULO	
4º BÚFALOS ASSOCIADOS	13º AGENTE GUIMA
5º KARL MARQUES	14º B. GATES
6º DANIEL FALCÃO	DA KI
7º DETECTIVE JEREMIAS	DETECTIVE POLINÉSIO
8º INSPECTOR BOAVIDA	DR. ZÃO
9º A. RAPOSO & LENA	ERWIN
10º INSPECTOR ARANHA	LEÃO VERDE
11º ZÉ	MAITRE
12º EGO	PACHECO A.

TAÇA DE PORTUGAL

VENCEDOR	–	DANIEL FALCÃO
FINALISTA	–	PAULO
MEIAS-FINAIS	–	DETECTIVE JEREMIAS; MISTER H
QUARTOS DE FINAL	–	BÚFALOS ASSOCIADOS; FLO & TÂNIA; KARL MARQUES; ZAPPA

CLASSIFICAÇÃO DIC ROLAND (AS MELHORES)

- 1º DANIEL FALCÃO
- 2º DETECTIVE JEREMIAS
- 3º INSPECTOR ARANHA
- 4º MISTER H
- 5º ZÉ

CLASSIFICAÇÃO MEDVET (AS MAIS ORIGINAIS)

- 1º INSPECTOR GIGAS
- 2º DETECTIVE JEREMIAS
- 3º INSPECTOR ARANHA
- 4º BÚFALOS ASSOCIADOS
- 5º PAULO

PRODUÇÃO

CAMPEONATO NACIONAL

- 1º PAULO
- 2º M. CONSTANTINO
- 3º A. RAPOSO & LENA

PROBLEMAS DE ESCOLHA MÚLTIPLA

- 1º BÚFALOS ASSOCIADOS
- 2º RIP KIRBY
- 3º M. CONSTANTINO

POLICIARISTA DO ANO E RANKING

TROFÉU SETE DE ESPADAS (POLICIARISTA DO ANO)

- 1º PAULO
- 2º MISTER H
- 3º DANIEL FALCÃO

TROFÉU DETECTIVE MISTERIOSO (RANKING PÚBLICO-POLICIÁRIO)

- Nº 1 PAULO
- Nº 2 MISTER H
- Nº 3 DANIEL FALCÃO



CLUBE DE DETECTIVES

Daniel Falcão



danielfalcao@clubedetectors.pt